AVEIRO, 6 DE MAIO DE 1977 — ANO XXIII — NÚMERO 1159

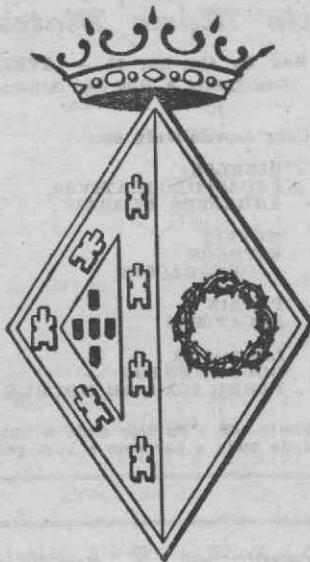
SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 4$00

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

I Centenário da IRMANDADE DE SANTA JOANA

JOÃO GONÇALVES GASPAR

PASSOU há dias o primeiro centenário da erecção da Real Irmandade de Santa Joana Princesa, com sede na igreja de Jesus. Não podemos, por tal motivo, deixar de evocar esta efeméride aveirense — o que servirá também de homenagem à Padroeira de Aveiro, cujo dia litúrgico se avizinha.

No processo da extinção das Ordens Religiosas, durante o século passado, o Governo Liberal agiu radicalmente quanto aos conventos masculinos: por decreto de 28 de Maio de 1834, o ministro e secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, Joaquim António de Aguiar, tendo a solidariedade de D. Pedro IV, suprimiu-os terminantemente, confiscando-lhes os bens. Contudo, no que se refere aos conventos femininos, a autoridade foi mais condescendente: estes continuariam sob a alçada do decreto de 5 de Agosto de 1833, pelo qual se haviam licenciado todos os noviços e proibido a admissão de novos. Assim, o País assistiu, durante dezenas de anos, ao agonizar lento da vida claustral, nos cenóbios femininos; o mosteiro fechava-se, ao desaparecer a sua

Continua na página 3

NOS SIGNOS DA ISENÇÃO

CRUZ MALPIQUE

TODO o mundo e seu pai advoga que Fulano ou Sicrano escrevam as memórias do seu tempo, e as escrevam com toda a verdade.

Sim. Mas nada nos incomoda que aí se minta descaradamente, se a mentira for a nosso favor. Isenção absoluta? Verdade que faça doer? Sim. Mas que só tenha que ver com os outros.

Damião de Góis teve a coragem de dizer dolorosas verdades, no respeitante a alguns figurões portugueses, na sua Crónica de D. Manuel. *O que tu foste dizer! Pois logo houve quem levantasse os mais vivos protestos, para que, da Crónica, fossem eliminadas essas verdades.*

Imparcialidade, toda não é demais, quando dos outros se trata. Para nós, queremos sempre a lisonjeira parcialidade.

NÃO ACONTECEU...

VENHA À BOLEIA!...

ARAÚJO E SÁ

HÁ tempos, aconteceu não me ter sentido bem. À semelhança com os padres que vão para o inferno, também os médicos podem adoecer! Uma súbita dor pré-cordial acompanhada de opressão toráxica, dispneia e sensação generalizada de mal estar, trouxeram-me a lembrança macabra de todos os homens da minha família haverem falecido, inesperadamente, ao rondar dos 51 anos, afinal a minha idade. Preocupado fiquei, até porque a fé no Paraíso Eterno normalmente não é bastante para que nos não agarremos à Terra e a todas as tábuas de salvação que nos privem da inevitável e enigmática viagem para o Além. Por isso mesmo, solicitei a presença de um clínico cá da cidade que, prontamente, me examinou e instituiu eficaz medicação. A circunstância do referido cardiologista aveirense ter sido, por sinal, meu colega de curso na Faculdade de Medicina de Coimbra e a ele me ligarem estreitos laços da maior intimidade, não foi bastante para que minha mulher deixasse de dar uma ajeitadela na jarra das flores, endireitasse a carpete e colocasse sobre a cama uma colcha branca rendada, feita à mão, em longos serões de Inverno e à lareira, pela «Tia Rita Conde», essa admirável mulher que foi minha avó materna, que ma havia oferecido, há vinte e tal anos já, como prenda de casamento. Afinal, e só porque um médico deve ser recebido com provas de deferência e cortezia, quanto mais não fosse porque o exercício da

Continua na página 3

Em Aveiro

XXI CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OFTALMOLOGIA

De 8 a 12 de Junho próximo, realizar-se-ão, nesta cidade, o XXI Congresso da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia e o I Colóquio de Contactologia Médica — realizações estas de que, oportunamente, esperamos poder dar nota mais circunstanciada nestas colunas.

JOÃO CASAL

JORGE MENDES LEAL

João Francisco Casal, típica feição do self-made man *— de rija nascença portuguesa — e jovialmente liberto das ancestrais frustrações da medieva raça lusa — é meu adversário político, meu amigo de sempre e, sobretudo, paradigma do que aventureiro, ousado e penetrante nos trouxe o meio-arábico sangue da extrema Europa. Admiro-o, vinte anos o admirei e, francamente, jamais me privei de o embrechar — com madureza e reflexão — num possível esquema socialista de vanguarda. Rutilante chefe de empresa, sê-lo-ia em qualquer parte — já que para tanto lhe sobram qualidades anímicas e organizadoras do «entrepreneur» vivaz e ao mesmo tempo metodizante. Implantá-lo numa dinâmica do Leste seria, ao contrário do que se julga, limpidamente fácil. Não admito que um João Casal, consubstanciação original de audácia e reflexões, soçobrasse em oceanos de trabalhadores onde ele se obstinaria em ser o trabalhador maior. Excelente. Sapiente. Exemplar.*

Vindo do quase nada, mas insistentemente movido por uma ardente vontade de se impor, de derrotar a vida, conseguiu-o de facto e de jacto. Pontapeando estrangeiros viciosos e astutos, pugnando sem detença por uma orgulhosa e válida mão-de-obra nacional, alcapremou uma indústria de cepa lusitana e com ela se engodou — chamemos-lhe assim — em termos de lógica petulância, filha super-legítima da emulação consciente, serena, prenhe de capacidade discernida. E adornada, bela, de acabamentos invejáveis, uma ansiosa demanda do perfeito.

João Casal, «ás» indiscutido e indiscutível dos nossos comerciantes de duas rodas-motor, galhofeiro irremissível dum mercado onde se exibia em jeito de César, para não recordar Nero incendiando Roma, recusou-se a ficar por aí, já que a mais dilatados voos lhe sobrevinha o furor de vencer. Nunca — de tanto me afirmo como ajuramentada fiada — pelo

Continua na página 3

DE QUE PARTIDO SOMOS NÓS?

pergunta MÁRIO DA ROCHA *a* COSTA E MELO

O diálogo nasceu público; publicamente terá de morrer. Mais do que nós próprios, está em causa o partido, o socialismo, a promoção cívica de um Povo. Do nosso Povo!

E começo por dizer, meu caro amigo e camarada Costa e Melo: é necessário que todos os socialistas vejam a tremenda posição em que Mário Soares se vem colocando. Se ele lutou (e lutou, e lutou muito, e lutou, porventura, até demais), pois se ele lutou para salvar isso que agora todos chamam as liberdades fundamentais, é preciso «obrigá-lo» a lutar igualmente pelo Socialismo.

Mário Soares (e com ele o Partido Socialista, também nós, portanto) tem responsabilidades históricas. E a História o irá julgar.

Cometeram-se muitos erros. Muitos e graves. Todos os cometeram. É aliás inevitável de quem luta. Eu também os cometi. Saibam-no desde já os meus conhecidos da «direita», que nunca cometeram nenhuns, simplesmente porque nunca lutaram. A política de um homem é ser bom chefe de família, continuam-me muitos a dizer. E deixo-os então no sono da sua alienação. Alienação que é política, mas que começa por ser também religiosa. Pior, muito pior. Adiante.

No outro campo, onde também

Continua na página 3

CARAPUÇAS... PRESIDENCIAIS!
CARAPUÇAS... MADE EANES!

BALLET GULBENKIAN

Promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, e com o patrocínio da Câmara Municipal, vai realizar-se no Tetatro Aveirense, na próxima sexta-feira, 13 de Maio corrente, com início às 21.15 horas, um espectáculo de bailado — «Ballet Gulbenkian» —, com o programa seguinte: *Variações Nostálgicas*, com coreografia de Armando Jorge, música de Rochmaninoff e cenário e figurinos de Silva Nunes; *Ao Crepúsculo*, com coreografia de Carlos Trincheiras, música de Ricardo Strauss e figurinos de Espiga Pinto; *Whirligogs* (Remoínhos-Nós-Confusão), com coreografia de Lar Lubovitch e música de Luciano Berio; e *Concerto em Sol Maior*, com coreografia e figurinos de Vasco Wellenkamp e música de Ravel.

O espectáculo destina-se a maiores de 10 anos de idade e haverá um desconto de 50% nos ingressos de estudantes.

No Aveirense • 13 de Maio

Atenção Distrito de Aveiro

por que espera?

Finalmente ao seu alcance a solução mais rápida, perfeita, económica para a lavagem da sua roupa e loiça:

A DUPLA MÁQUINA SUFAM

(c/ 3 anos de garantia)

Peça uma demonstração grátis e sem qualquer compromisso para: **LUISA MARIA BASTOS ALMEIDA**

S. Martinho —— Aguada de Cima —— telefone 66308
Delegada de Vendas da Horizonte Internacional

Dr. A. Almeida e Silva

ESPECIALISTA

Partos e Doenças de Senhoras

Consultas:

Rua Dr. Alberto Souto, 48-1.º
Sala C

A partir das 16 horas

Telefones | *Consultório: 27938* / *Residência: 28247*

AVEIRO

ROGÉRIO LEITÃO

MÉDICO-ESPECIALISTA

DOENÇAS DO CORAÇÃO

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras à tarde (com hora marcada).

Cons.: — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 82-1.º E — Tel. 24790

Res. — R. Jaime Moniz, 18

Telef. 22677 AVEIRO

LUÍS NOGUEIRA DE LEMOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Especialista em Pediatria pela Federação Médica Suiça. Ex-Chefe de Clínica do Serviço Universitário de Pediatria de Lausana (Suiça)

Consultas a partir de 4.1.77, às 3.as (16 horas) e às 6.as (17.30 horas) Marcação prévia

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 49-2.º, Dt.º — Telef. 23965 — Aveiro

---

PRÉDIOS

Vendem-se, na Rua do Gravito, n.os 107 a 113. Recebe propostas Manuel Pais & Irmãos, Limitada, Av. Dr. Lourenço Peixinho, 104 — Aveiro.

RUI BRITO

MÉDICO ESPECIALISTA

Ginecologista do Hospital de Aveiro — Doenças das Senhoras

Operações

Consultório

Rua Dr. Alberto Souto, 34-1.º

Telefone 28210

Residência:

Rua Aquilino Ribeiro, 4-r/c

Telefone 28590

A. FARIA GOMES

MÉDICO-ESPECIALISTA

ESTOMATOLOGIA
CIRURGIA ORAL
e REABILITAÇÃO

Consultas todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.

R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3 - 3.º E. — Telef. 27329

AMORIM FIGUEIREDO

MÉDICO-ESPECIALISTA

OSSOS E ARTICULAÇÕES

participa a mudança do seu Consultório Médico para a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 54 (2.º andar), em

AVEIRO

(Telefone 24855)

Consultas:

2.as, 4.as e 6.as — 10 horas

Residência

Telef. 22660

J. Rodrigues Póvoa

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina

DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS
RAIOS X
ELECTROCARDIOLOGIA
METABOLISMO BASAL

No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 1.º Dto.

Telefone 28875

a partir das 13 horas com hora marcada

Residência—Rua Mário Sacramento 106-3.º — Telefone 22750

EM ÍLHAVO

no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas.
Em Estarreja - no Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

---

aleluia

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— garantia de qualidade e bom gosto —

CERAMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL
Apartado 13 - AVEIRO - PORTUGAL - Tel. 22061/3

MAYA SECO

MÉDICO ESPECIALISTA

PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS

Rua Dr. Alberto Souto, 11, r/c AVEIRO

HERNÂNI

tudo para DESPORTO e CAMPISMO

Rua Pinto Basto, 11

Telef. 23595 — AVEIRO

EM QUALQUER ÉPOCA

Faça as suas compras na

GALERIA **ICONE**

de Mário Mateus

Rua do Gravito, 51 — AVEIRO (em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)

Casa especializada em:

BIBELOS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

PAPÉIS
ALCATIFAS

LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS

Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

---

Reparações • Acessórios

RADIOS - TELEVISORES

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas
• aos melhores preços

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 232-B

Telef. 22359

AVEIRO

VISITE A

CASA SOARES

Completo sortido aos melhores preços de:

- DROGARIA
- FERRAGENS E FERRAMENTAS
- UTILIDADES
- ELECTRODOMÉSTICOS
- TINTAS ROBBIALAC
- INSECTICIDAS E PESTICIDAS DA BAYER
- ALCATIFAS E PAPEL DE PAREDE

Rua Dr. Alberto Souto, 50
Telefone 28224

AVEIRO
(Centro da cidade)

ELECTRO VALENTE

Instalações Eléctricas

Reparações - Orçamentos

Rua das Vítimas do Fascismo, 88, cave (antiga Rua de Homem Christo Filho). Por detrás do edifício do Governo Civil —— Telefones 22414 - 22310 (P. F.) Apartado 132 — AVEIRO

Torres Constrave

AVEIRO

TEMOS UM ANDAR PARA SI!

— *Nós também queremos colaborar*

— *Propriedade horizontal rodeada de zonas verdes*

— *Colaboração com Estabelecimentos de Crédito*

SOLUÇÃO IMEDIATA PARA O PROBLEMA DA SUA HABITAÇÃO

CONSTRAVE - Construções de Aveiro, L.da

Avenida Araújo e Silva, 109 — Telef. 25076

AVEIRO

SAL DE AVEIRO

(ENSACADO OU A GRANEL)

COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES E TRANSFORMADORES DE SAIS MARINHOS DE AVEIRO (S.C.R.L.)

Escritório — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 118-2.º — Telef. 27367
Armazém — Cais do S. Roque, 100 — AVEIRO

LIVROS USADOS

COMPRO GRANDES OU PEQUENAS BIBLIOTECAS, MANUSCRITOS, ETC., EM QUALQUER PARTE DO PAÍS.

MANUEL FERREIRA

Rua Formosa, 19 — PORTO — Telef. 313356

DAR SANGUE É UM DEVER

Joaquim Peixinho

ADVOGADO

Trav. do Governo Civil, n.º 4-1.º Esq. — Sala 4

AVEIRO

J. Cândido Vaz

MÉDICO-ESPECIALISTA

DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas às 3.as e 5.as a partir das 15 horas *(com hora marcada)*

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 81-1.º Esq. — Sala 3

AVEIRO

Telef. 24788

Residência: Telef. 22856

R

Reclangol

Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores

Rua Cónego Maio, 101
Apartado 409
S. BERNARDO - AVEIRO
Telefone 25023

SEISDEDOS MACHADO

ADVOGADO

Travessa do Governo Civil, 4-1.º - Esq.º

AVEIRO

DAR SANGUE É UM DEVER

CORILÃ

ABRIMOS PARA VOS SERVIR!

Novidades em fios de tricôt.

Trabalhos por encomenda para homem, senhora, criança e bébé, em lindos modelos.

Variado sortido de confecção para bébé.

CONTACTE-NOS:

Rua Dr. Alberto Souto, 2 — Aveiro — Tel. 28772.

DE QUE PARTIDO SOMOS NÓS?

Continuação da 1.ª página

me encontro, e no qual melhor me entendo e muito melhor sou entendido, os meus camaradas comunistas ocasionaram, alguns deles, infelizmente, uma imagem negra e denegrida do que é o socialismo. Não me refiro propriamente aqui a Aveiro. Mas sim a camaradas do país. E por que não camaradas do meu país, se a camaradagem não tem fronteiras?

Por causa dessa imagem negra e denegrida, que alguns socialistas deram do socialismo, tenho eu encontrado, até em simpatizantes do Partido Socialista, uma virulenta alergia a uma coligação com os comunistas. Urge, pois, que o P.C., com o poder revolucionário de uma lúcida e corajosa auto-crítica, reconheça, confesse e emende os seus erros para com a nossa revolução.

O Partido Comunista cometeu o erro de pensar que a Revolução Portuguesa se podia fazer sem, ou por cima do Partido Socialista. Tremendo engano. Mas o Partido Socialista está também ele a incorrer no «crime» de julgar que o Socialismo poderá ser implantado em Portugal, sem o concurso directo do Partido Comunista.

Tem, para já, as cúpulas do Partido Socialista de ultrapassar um anti-comunismo constante e, por vezes, obsessivo. Também por causa disto, não será fácil a urgente unidade de socialistas com comunistas. Melo Antunes continua hoje a ter razão, tal como a tinha já em 25 de Novembro. É certo que, se eu aponto as cúpulas do P.S., nem por isso devo deixar de denunciar certas coisas nas bases. Em certas bases. Ninguém pode ignorar que, em 25 de Abril de 1974, houve quem votasse no P.S., não por ser socialista, mas sim porque era anti-comunista.

As culpas do P.C.P. não são nem poucas nem pequenas. O P.C.P., ao falar agora na maioria de esquerda, devia lembrar-se da recusa sistemática de convite que o P.S. várias vezes lhe fez, nos princípios da nossa revolução, no sentido de se fazer em Portugal aquilo que a esquerda fez, finalmente, em França.

Quem duvidar, veja, por exemplo, «Democratização e Descolonização», abrindo o livro nas páginas 177, 191, 216 e 234. Mas, então, eram outras as ambições do P.C.P..

Mas temos todos de saber esquecer. Eu, por mim, confesso, tenho de esquecer a lição que se deve tirar dos conflitos que intelectuais de estirpe tiveram com a «máquina» dos partidos comunistas a que pertenciam. Não falo já agora de Mário Sacramento. Mas tenho igualmente que esquecer os engulhos que me provocam os casos de Junquin, de Fourgueyrollas, Garaudy, Morin e (quem o havia de pensar e dizer) Ernest Fischer.

E tenho eu ainda de esquecer, sobretudo, o sério problema de ver se o estalinismo é um *acidente* ou um *incidente*...

Peço desculpa, camarada Costa e Melo, deste monólogo interior. Mas eels também são precisos, pois conversando nós, estamos a conversar com os outros. E um socialista tem de lembrar-se sempre dos outros.

E a propósito dos outros.

Há para aí quem diga (são homens da direita, já se vê...), pois há quem diga que eu mudei em muita coisa. Mas eles nunca se ralaram em ler-me e ouvir-me, tanto quanto podia dizer-se um homem, perante os gansos do Capitólio, que eles hoje ainda continuam a ser...

Dizem-me que eu mudei. Pois mudei. E mal se não tivesse mudado. A Revolução teria sido inútil, também para mim. Pois hoje, finalmente, sem a PIDE a seguir-me para saber quem eu era..., sem os arames farpados da censura, sou cada vez melhor o que sempre fui de raiz...

E quem não se sentir esclarecido, então procure saber por que tive de abandonar o Correio do Vouga (que hoje continua a censurar as minhas notícias... E viva o pluralismo!); por que deixei o Colégio de Albergaria, por que não cheguei a aceitar o cargo de director do Colégio de Vagos... E, se isto não chegar, procurem saber por que fui eu saneado da direcção de O Ilhavense...

Sou cada vez mais aquilo que sempre fui... Até permiti que chegasse a ser um submarino suicida para estoirar, mais depressa, com a farsa. Mas que soube recuar, quando viu que tudo era inútil... E a esquerda compreendeu o plano...

Agora são os castos, os de mãos sempre puras que nunca lutaram por nada, a não ser para agarrarem com unhas e dentes o tacho onde continuam a comer, são esses que agora estão prontos para iniciarem uma campanha pública em que me mostrem como homem desonesto. *Puritanos, aqui vos denuncio a todos. E PARA AQUI, DIANTE DE TODA A CIDADE DE AVEIRO, VOS DESAFIO A TODOS.* Não me censureis nas esquinas; acusai-me nas páginas deste Jornal, que o seu Director, como homem de Justiça que é, certamente não fechará, para que a Verdade se faça para todos.

E nada há como o vento para obrigar a árvore a ter raízes. É a luta que radicaliza as opções, tornando-as mais firmes. Embrulhado ainda em múltiplas ambiguidades minhas, senão até mesmo em certas contradições, este processo de luta me liberta cada vez mais. Aqueles com quem luto, só me fazem ser cada vez mais aquilo que sempre fui e melhor serei... Porventura, não foi os intentos da reacção que, melhor e mais depressa, fizeram avançar o 25 de Abril?... Pois, cada vez mais serei aquilo que sempre fui. Não preciso de ser cristão para ser socialista. Mas não vejo como possa ser hoje cristão sem ser socialista...

António Reis disse, há tempos, que muitos são os cristãos que estão no P.S.. E que eram eles os mais exigentes. Os mais radicais. Os mais socialistas. E eu encontrei nos «Cristãos pelo Socialismo» cristãos em toda a esquerda. E enquanto um «pepedista» me censura os cristãos de serem homens de esquerda, eu censuro-o a ele de ser, de continuar a ser um alienado...

Não são reaccionários como ele; são homens de progresso. É que enquanto o pepedista tem hábitos, eles têm fé.

E já agora, ainda a propósito: Já pensou, o meu ilustre camarada, em quem votaram ontem aqueles que são hoje a clientela do CDS e do PSD?

Dizem-me, acusam-me de que eu mudei! Pois até mudei. Em contacto diário com pepedistas e centristas, compreendo hoje, finalmente, que os reaccionários não têm direito à liberdade.

Não pode haver liberdade para aqueles que querem, com a sua liberdade, matarem a liberdade do Progresso. E os reaccionários não perdoam que nós não sejamos como eles. Só, perante isto compreendo, sei agora melhor por que muito boa gente chama fascistas ao CDS e ao PSD.

Mudei, pois! Afinal, se virmos bem, SÓ OS REACCIONÁRIOS NÃO MUDAM. Eu mudei. E mudarei. O homem, actual e actualizado, é um eterno devir. Eu não sou nenhum caranguejo... Esperem os meus amigos que se espantaram de me ver só no P.S.

Mas voltemos à nossa conversa, meu camarada e amigo Costa e Melo.

Duvidei, interroguei-me muito se devia ou não permitir que a minha carta aberta, dirigida ao Mário Soares, se tornasse pública.

Cedi, finalmente, que ela fosse publicada. E isto por duas razões:

1 — Elementos de cúpula do P.S. fazem públicas afirmações que comprometem, não só o nome que têm, mas também o partido que representam,

2 — A degradação no P.S. já vai em tal ponto, que eu entendo que só um levantamento público do P.S. travará a marcha que no P.S. se está a efectuar.

Uma carta do nosso camarada Teixeira Neves, que agora mesmo o correio me trouxe, veio confirmar-me esta esperança. Ainda bem. Afinal, não lutamos sós.

Está claro que a minha carta, se ela não fosse publicada (correndo,

Conclui na penúltima página

I Centenário da IRMANDADE DE SANTA JOANA

Continuação da 1.ª página

última professa, e os bens eram incorporados na Fazenda Nacional.

No que respeita ao Mosteiro de Jesus, de Aveiro, a sua extinção consumou-se em 2 de Março de 1874 — dia em que faleceu soror Maria Henriqueta dos Anjos Barbosa Osório. E, logo a seguir ao desenlace, o delegado do Tesouro Público deu início ao inventário de todos os bens, móveis e imóveis, do Convento.

Todavia, após diligências, perguntas e respostas, julgou-se não haver inconveniente em que se conservassem no mesmo Convento as alfaias, vasos sagrados e demais objectos de culto, para uso da igreja de Jesus; embora superintendendo o prelado da Diocese, tudo ficaria à guarda e ao cuidado das senhoras que — como escreveu o vigário-geral substituto, Dr. Manuel Baptista da Cunha — «a caridade do Convento tem abrigado e sustentado ou que nele têm vivido à custa do seu trabalho e dos serviços prestados à casa». Mas, como o grupo destas senhoras não gozava de personalidade jurídica, logo se pensou seriamente na constituição de uma confraria ou associação religiosa que não só se encarregasse do culto de Santa Joana mas também se comprometesse a conservar e a acautelar o que respeitasse à igreja de Jesus. Desta forma, em 16 de Março de 1877, erigiu-se, com sede no templo, a Irmandade de Santa Joana, cujos estatutos obtiveram a aprovação civil em 23 de Março e a canónica em 7 de Abril; por decreto de 5 de Maio, foi-lhe permitido usar o título de «Real».

Uma vez erecta, a Irmandade requereu se lhe concedesse a igreja, o túmulo, o coro inferior e outras dependências, bem como os paramentos, alfaias, jóias e restantes objectos de culto. Pedidas as informações ao Dr. Baptista da Cunha em 21 de Abril, este respondeu em 25, dizendo que «a ninguém mais competente que a uma Irmandade pode confiar-se a guarda do túmulo e a conservação do templo»; e continuava: — «Quanto à sacristia, capela de Nossa Senhora da Assunção, órgão e mais dependências pedidas pela Irmandade, é justo que sigam o destino da igreja, a cujo serviço são indispensáveis. Mas, para evitar inconvenientes que são óbvios, julgaria eu acertado impôr à Irmandade concessionária a condição de, enquanto houver senhoras recolhidas no Con-

Conclui na pág. 4

Não aconteceu...

Continuação da 1.ª página

Medicina é algo que se não paga apenas com dinheiro. Curioso que, poucos dias volvidos, o meu carro «adoeceu» também, ficando imobilizado na garagem como se de um «paralítico» se tratasse. «Não aconteceu» que a «doença» do veículo deixasse de coincidir com um telefonema, pelas 2 horas da madrugada, de alguém (que nunca cheguei a saber quem fosse, acrescente-se) solicitando a minha presença para assistir à esposa com uma banalíssima e corriqueira crise de nervos motivada por violenta controvérsia matrimonial. Imediatamente me prontifiquei a examinar a senhora, desde que me assegurassem transporte, já porque a distância a percorrer era de alguns quilómetros, já porque àquela hora da noite ser-me-ia impossível arranjar um «médico de automóveis» que pudesse resolver as mazelas da minha viatura avariada. (Os mecânicos têm horário de trabalho, o que com os clínicos não sucede...). A resposta (agressiva, contundente, malcriada, vil e animalesca) não tardou a fazer-se ouvir ao telefone:

— Se não tem carro venha à boleia...!

Isto na minha idade... Com milhentas noites passadas à cabeceira de doentes... Sem horário de trabalho... Sem domingos... Sem feriados... Atolado na lama dos caminhos de aldeia... Encharcado até aos ossos pela invernia...

— Venha à boleia...!

Às 2 da madrugada... Enquanto dormem os que reivindicam... Os que contestam... Os que fomentam a greve... Os que nada produzem... Os que vivem sem trabalhar... Os que legislam... Os que blasfemam... Os do «canto livre»... Os dos comícios... Os que apedrejam... Caluniam... Enxovalham...

— Venha à boleia...!

Apenas porque o marido despedaçou no chão a malga do caldo... Atirou contra a parede a caneca do vinho... Gastou no tasco o ordenado... Cerrou os punhos em sinal de ameaça... Foi abandonado pela amante... Pisou com os pés a ponta do cigarro... Acordou a vizinhança com o alarido de grosserias e de inconveniências...

— Venha à boleia...!

Por que me não fiz Juiz de Direito, como meu Pai, para enclausurar o atrevido, o malcriado, o grosseiro? Bem burro fui... Arrependido estou!

— Venha à boleia...!

Escusado será dizer que nem respondi. Para quê...? Limitei-me a desligar o telefone. Vinte e cinco anos após concluir a minha licenciatura em Medicina, reconheci, tristemente, que alguns dos meus clientes — poucos, graças a Deus — deveriam solicitar assistência clínica a um veterinário e não a um médico! Se é que os animais assim procedem, o que não creio...

ARAÚJO E SÁ

JOÃO CASAL

Continuação da 1.ª página

servil apetite da moeda ou a insensata glória das contas anuais empoladas!

Na hora em que abandono uma profissão de que só fui amargo diletante, zurzido e rezurzido pelos tredos sabichões do Ramo, a figura inesquecível de João Casal figura-se-me como a dum mestre inatingível. Senhor de fidalguias e brazões no comércio, desembocado figurino duma indústria ainda em transe de parto mas que ele fez nascer a golpes de selvagem (no bom sentido) tenacidade e tremendo empenho. No momento da minha despedida, juro que só me ocorre — pelo menos predominantemente, avassaladoramente — o nome de João Casal.

Convivi de perto, em negócios e corridas, com o sensacional e supersónico «padrone» Angelo Trapletti, dono praticamente absoluto do potentado biciclitista Bianchi-Chiorda. Homem de rasgo natural e vigorosa experiência, querido dos seus trabalhadores e corredores, ele próprio engenheiro-operário infatigável e de permanente sorriso nos lábios encorajadores.

A pedido dum tal hiper-administrador Santos — e por certo em altura de perturbação mental ou morbideza senil — trouxe-o à Stelber (a ex-Flandria Portuguesa, SARL), onde difamaram os meus surpreendentes balanços positivos...) e aí não sei bem se fui vexado ou morri de riso. O «padrone» Trapletti, imperador da faustosa marca dos Coppi e dos Gimondi, deleitou-se, gozou, regozou, trigozou com a malvadez da qualidade e o ignaro staff da sexta fábrica mundial de bicicletas (potencialmente...). Apartado, por razões maldosas, estúpidas e incivis o efectivamente «connaisseur» Alves Barbosa — que, embora por dentro, ria tanto como o italiano — «il signor ingegnere» Trapletti, recostado em fofa poltrona, entregou-se, com deliciosa carinha de mal-dizer, ao aprazível e fácil divertimento de ensinar a meia dúzia de imbecis, remunerados a bruto peso de ouro, como se fazia a mais rudimentar «pliable» Bianchi.

Lembrei-me, então, de João Casal e do seu trato hábil, avultando-se-me, no instante, a entusiástica possibilidade de o opor — em finura, claramente, como dois «gentlemen» sabedores do seu ofício — ao terrível Trapletti. Que não perdoava, ironizando com ostensivo «savoir faire» os mil quatrocentos e oitenta e dois defeitos de cada bicicleta Stelber...

Conheço belgas, franceses, holandeses, alemães, brasileiros, transalpinos, austríacos, o arco da velha — mas só me deslumbrava a dourada hipótese dum «tête-à-tête» entre os dois mais extraordinários comerciantes de duas rodas que vi no mundo: o «commendatore» Angelo Trapletti e o preclaro senhor João Francisco Casal.

Tudo isto fica diafanamente escrito, julgo despiciendo repeti-lo ou mastigá-lo. João Casal, honra da cidade de Aveiro, é o único comerciante e industrial possuidor do mínimo de «classe» e vagos conhecimentos burocráticos exigidos nos aeroportos. Igualmente o único em que valerá a pena meditar quando o redondo dr. Soares arenga sobre a C.E.E., deixa correr o tempo e ajoelha aos pés do Banco Mundial a discutir ridículos empréstimos.

Curiosamente — em tempo algum comprei um parafuso ao Sr. João Casal, ou vice-versa, deslisando as operações biciclitas, de motoreta ou moto sobre os canais sagazes que ele monta e desmonta a seu bel-prazer na quotidiana verificação e correcção dos tolos concorrentes. E gordos clientes, que trás bem apertados com os indispensáveis freio, bridão e barbela. Duro freio espanhol, note-se.

Um sentido e curto adeus, meu ilustre amigo. No fundo, e apesar de ser diversa a minha vocação, tolhe-me um tanto a garganta o estranho acaso de nunca termos trabalhado juntos, nem num «affaire» de tostão. Eu — o Cristo mil vezes recrucificado por Condes, Sucenas & C.ª — merecia ao menos ser seu recepcionista.

Conservo, ainda, uma razoável voz de tenor dramático...

JORGE MENDES LEAL

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	CENTRAL
Sábado	MODERNA
Domingo	ALA
Segunda	AVEIRENSE
Terça	AVENIDA
Quarta	SAÚDE
Quinta	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Pelo ROTARY CLUBE

Em homenagem ao saudoso Coronel Américo Reboredo, o Rotary Clube de Aveiro instituíu uma bolsa de estudo, cujas regras de atribuição serão definidas oportunamente.

Pelo LIONS CLUBE

O Lions Clube de Aveiro acaba de oferecer 16 caloríferos ao Centro de Bem-Estar Infantil da Vera-Cruz, para serem distribuídos pelas diversas dependências do edifício onde funciona aquela benemérita instituição.

SARAU EM VAGOS

Amanhã, sábado, realizar-se-á, com início às 21 30 horas, no salão da Casa do Povo de Vagos, um sarau, pelo Orfeão Universitário do Porto, sob direcção de Mário Mateus.

O sarau é promovido pelo Centro Cultural daquela vila.

III FEIRA DO LIVRO DE AVEIRO

Por iniciativa de um grupo de livreiros locais, vai efectuar-se, provavelmente a partir de 21 de Maio — ou com a inauguração uma semana depois, se não houver tempo suficiente para a abertura naquele dia — a «III Feira do Livro de Aveiro».

Como a anterior, realizar-se-á na placa central da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, junto do Cine-Teatro Avenida. Espera-se que tenha cerca de dúzia e meia de «stands», nos quais estarão representadas entre quatro a cinco dezenas de casas editoras, o que faz prenunciar um novo êxito desta louvável iniciativa.

CURSOS PARA EDUCADORES DA FÉ DE ADOLESCENTES

Promovido pelo respectivo Secretariado Diocesano, realizou-se um Curso para Educadores da Fé de Adolescentes que foi orientado pelos Rev.os Dr. José Martins Belinguete e João Gonçalves, Dr. António Capão, António Sousa, Dr. Francisco Piçarra e D. Lucília Amador.

O Prelado da Diocese e o Bispo Auxiliar estiveram presentes algum tempo no curso, manifestando o seu agrado pela iniciativa e dirigindo algumas palavras de louvor e estímulo aos participantes.

PARTIDA DE BACALHOEIROS PARA A TERRA NOVA

Rumo a Lisboa, onde completarão o apetrechamento para a viagem e de onde, depois, seguirão para a sua faina nos pesqueiros de bacalhau na Terra Nova e Gronelândia, saíram a barra de Aveiro os arrastões «Capitão João Vilarinho» e «Santa Cristina», ambos da praça aveirense.

LINHA DE CRÉDITO PARA PRODUTORES DE FORRAGENS

Em representação da Secretaria de Estado do Fomento Agrário, o sr. Eng.º Alves Pereira, no decorrer de duas reuniões de trabalho efectuadas no salão dos Serviços Culturais da Câmara Municipal, informou os órgãos da Zona Centro — Litoral de pormenores sobre as bases do estudo, já superiormente despachado, de uma linha de crédito para a produção de bovinos leiteiros.

Entende-se, assim e fundamentalmente, animar os empresários e rendeiros a consagrarem-se às culturas de forragens para bovinos leiteiros, em lugar dos concentrados de rações, que determinam uma considerável saída de divisas para o estrangeiro.

Os prazos de crédito a conceder, tanto a empresários como a rendeiros interessados nas referidas produções, irão desde quatro semestralidades até catorze, para a construção, adaptação e ampliação de estábulos, silos e nitreiras.

GRUPO DE TEATRO DO ORFEÃO DE ÁGUEDA

● No passado dia 21 de Abril, no CEFAS (Águeda), o Grupo de Teatro do Orfeão de Águeda apresentou mais um espectáculo do seu trabalho «FILOPOPOLUS», peça escrita por Virgílio Martinho e encenada por José Júlio Fino.

Este espectáculo foi gratuito para os associados da colectividade.

● A mesma peça deve ser brevemente apresentada em S. João da Madeira, a convite de uma agremiação sindical daquela vila, e na Nazaré, incorporada num Festival de Teatro Amador.

● A direcção do Grupo de Teatro do Orfeão de Águeda, para suprir a falta de instalações que tanto estavam a prejudicar os trabalhos de ensaios e montagem de peças (bem como outras actividades relacionadas com o seu grupo de teatro), conseguiu o aproveitamento de um velho barracão fronteiro à sua sede, construindo nele um palco e procedendo à sua limpeza e arrumação, para nele instalar o material cénico e eléctrico do grupo.

Embora em terra batida e com um telhado muito velho, o referido barracão deverá proporcionar o arranque definitivo da peça «As Mãos Sujas», de J. P. Sartre, que J. J. Fino está a encenar e que se espera levar à cena, em estreia, nos fins de Maio corrente.

● Todos os trabalhos relacionados com o baracão onde agora se processam os ensaios, foram efectuados pelos próprios elementos artísticos e técnicos do grupo.

Os responsáveis directos pelas actividades teatrais já há uns tempos que iniciaram diligências no sentido de conseguirem um subsídio estatal para a transformação do imóvel num pequeno e funcional teatro de bolso, aguardando ajuda ou mesmo qualquer outro financiamento de qualquer entidade que queira auxiliar um agrupamento que se bate com sacrifício e coragem pela cultura e arte amadora, através do veículo teatral.

CARLOS CANDAL

Na pretérita terça-feira, retomou as suas actividades na Assembleia da República o deputado do P.S. pelo Círculo Eleitoral de Aveiro Dr. Carlos Candal, que, a seu pedido e por imperativos profissionais pedira a sua substituição por dois meses. Neste período foi substituído pelo deputado Amadeu Cruz, de S. João da Madeira.

Casamento

No passado dia 2 de Abril transacto, sábado de Ramos, na igreja paroquial de S. Miguel de Oliveira do Bairro, celebrou-se o casamento da menina Maria Eugénia Martins da Graça Barata, de 20 anos, aluna do 4.º ano de Engenharia Química da Universidade de Lisboa, filha do nosso colaborador Dr. Fausto da Graça Barata e da Senhora D. Allzira Gonçalves Martins, desta vila, com Jorge Manuel Franco Vacas, de 24 anos, aluno do 4.º ano de Engenharia Mecânica, da mesma Universidade, filho do sr. Manuel Vieira Vacas e da Sra. D. Maria da Piedade dos Santos Franco Vacas, da Chamusca.

Foram padrinhos: por parte da noiva, o sr. Marquês e a sra. Marquesa da Graciôsa (Anadia); e, por parte do noivo, seus tios, sr. Manuel Silvares Esteves e sra. D. Maria Esmeralda Franco Esteves. Foi celebrante o Rev. Pe. Vieira, de Oliveira do Bairro.

Após a cerimónia, foi servido, na Estalagem da Pateira de Fermentelos, um banquete a duas centenas de convidados.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Algarve e vão fixar residência na cidade de Lisboa.

Ao novo lar desejamos as maiores felicidades.

Nascimento

Na última terça-feira, dia 3, nasceu, no Hospital Distrital de Aveiro, o segundo filhinho ao casal de Maria Adelaide da Silva Fonseca Cristo e de Camilo Augusto Rebocho de Albuquerque Cristo, administrador deste jornal.

A menina será dado o nome de Maria Madalena.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 6 — às 21.15 horas; Sábado, 7 — às 15.30 e 21.15 horas; e Domingo, 8 — às 15.30 e 21.15 horas — HOMENS E TUBARÕES — com Michel Laubreaux, Giancarlo Formichi e Arnaldo Mattei — não aconselhável a menores de 13 anos.

Segunda-feira, 9 — às 21.15 horas — A QUADRILHA — com Robert Duval, Karen Black, Joe Don Baker e Robert Ryan — não aconselhável a menores de 18 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 6 de Maio — às 21 e 23 horas — UM AMOR COMO O NOSSO — interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 7 — às 15.30 e 21.15 horas — O DIREITO DE NASCER — interdito a menores de 14 anos.

Domingo, 8 — às 11 horas — Matinée infantil — OS 12 TRABALHOS DE ASTÉRIX — para maiores de 6 anos; e *às 17.30 horas — Matinée Clássica* — OS JOVENS LEÕES — não aconselhável a menores de 13 anos.

Notícias de EIROL

ACTIVIDADES DA JUNTA DE FREGUESIA — A Junta de Freguesia local tem em curso o seu programa inicialmente apresentado ao Povo. Deste modo, foram colocados os tubos de escoamento de águas na Rua do Rego do Salgueiro; na Rua Heróis de Angola estão já os tubos para colocar nos acessos às propriedades, tubos que se encontravam destinados ao escoamento das águas da Lavoura mas que, dada a sua necessidade para outro local, foram dali desviados sendo, quando necessários, substituídos por outros; no passado sábado fez entrega à Direcção da Mocidade Desportiva Eirolense das verbas de 10 000$00 e 15 000$00, sendo a primeira atribuída pela Direcção Geral de Desportos e a segunda pela própria Junta de Freguesia.

ALGUMAS PERGUNTAS — Para quando se espera para concluir ou alterar o (péssimo) trabalho de esgotos iniciado na Rua da Cabine? Aquela caixa constitui ratoeira; o Adro da nossa Igreja está — uma parte — com mau aspecto, tendo ervas crescidas em forma de matagal, até quando? Quando se retiram *da circulação* os sinais de trânsito considerados desnecessários nalgumas ruas?

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DA DELEGAÇÃO DA CASA DO POVO — A partir de agora, a delegação da Casa do Povo nesta localidade passa a estar aberta aos seus associados apenas aos sábados das 9.30 às 13 horas.

VISITA DA DELEGAÇÃO DE DESPORTOS — A convite de alguns elementos da Comissão Pró-Parque Desportivo recebemos no passado sábado a visita de um representante da Delegação da Direcção Geral de Desportos a fim de analizar a situação em que se encontram as obras e, ainda, se pronunciar sobre vários aspectos relacionados com o Parque.

Perante uma divergência de opiniões tornou-se necessário reunir com os proprietários cedentes dos terrenos e o representante do I.D.E.S.O., com vista a encontrar-se uma plataforma de entendimento quanto à via legal pela qual terá que ser encontrada uma solução por forma a que este Povo — que já contribuiu com significativa importância para o Parque — não veja amanhã desmoronar-se uma obra que deverá pertencer à freguesia e somente a ela.

No final da reunião — que foi a sequência de outras havidas — à qual faltou um dos proprietários, por falta deste, nada ficou resolvido para além da demarcação dos terrenos cedidos.

Sendo o receio de alguns de que por eventual venda ou transferência da parte que pertence ao I.D.E.S.O. se torna necessário encontrar uma solução que impeça a perda do Campo de Jogos, foram os Estatutos daquela Instituição submetidos a apreciação do Gabinete Jurídico da Direcção Geral de Desportos que virá a pronunciar-se sobre o valor jurídico daquele documento e, bem assim, de uma declaração em tempos entregue pelo Rev.º Cónego Póvoa dos Reis à Comissão Administrativa da Junta de Freguesia que era quem, à data, superintendia nas obras do Parque.

JOSÉ AMADEU

I centenário da IRMANDADE DE SANTA JOANA

Continuação da 3.ª página

vento, não fazer servidão alguma pelo interior dele, nem abrir qualquer comunicação que possa devassá-lo»; sobre a pretensão dos paramentos, alfaias, jóias e outros objectos de culto, dizia o vigário-geral ser «muito grato aos sentimentos piedosos da cidade» que todos esses objectos «continuem a ser empregados, como sempre foram, em abrilhantar o culto de Santa Joana, prestado na igreja da própria casa, onde esta Princesa floresceu em virtude e onde existe o majestoso túmulo que lhe encerra as preciosas relíquias». Por isso — concluía — «entendo que está no caso de ser deferida a pretensão da Irmandade».

Na verdade, por portaria de 30 de Maio, o Governo concedeu à Real Irmandade de Santa Joana Princesa o uso da igreja do Convento com o coro inferior, sacristia, capela de Nossa Senhora da Assunção, órgão e dependências do templo, sendo mandados entregar à referida corporação, por inventário, os paramentos, alfaias, jóias e mais objectos de culto; apenas era imposta a condição de serem fechadas a alvenaria as comunicações com o Mosteiro — o que não se chegou a fazer pela posterior entrega da igreja e edifícios à guarda das senhoras recolhidas, a quem se autorizou dar princípio a um colégio.

A Irmandade tomou à sua conta a realização da festa anual de Santa Joana que, desde 1807 e até à morte da última religiosa, fora feita pela Câmara Municipal de Aveiro, excepto de 1834 a 1842. Quando o dia 12 de Maio caía à semana, a solenidade era transferida para o domingo imediato.

Após a implantação da República em 1910, o Colégio de Santa Joana foi compelido a encerrar as suas portas e, simultaneamente, as religiosas dominicanas abandonaram o Mosteiro de Jesus, que seria transformado em museu. A Irmandade, por seu turno, prosseguiria a manutenção do culto da Padroeira de Aveiro.

CONTINUAÇÕES

uma quase total ausência de remates intencionais às balizas — apenas visadas, a preceito, aos 35 m., num livre apontado por Godinho (e em que a bola, com Domingos pregado ao solo, embateu a meio dum poste...), e, aos 44 m., sob centro largo de Manecas, quando Sousa, em corrida, desferiu um pontapé violento, levando a bola contra o corpo de Luís Horta, que, no caminho do esférico — e afortunadamente — impediu um golo possível.

Após o intervalo, o desafio teve cariz diferente. O Beira-Mar (com formação de recurso, pelas forçadas ausências de Guedes, Manuel José, Sobral e Marques, obrigando à inclusão de Manecas a lateral-direito) carecia de vencer. E, sentindo-o, lançou-se no ataque — de modo intencional, positivo, procurando tirar partido de forte vento favorável, tentando remates de fora da área, já que a penetração (a não ser pelos flancos) lhe continuou a ser vedada, em especial pelo bom sentido posicional do **colored** Johny e de Luís Horta.

O sinal foi dado, logo aos 50 m., por Abel, que, descaindo para o flanco esquerdo, quase surpreendia Melo, num excelente remate de longe. O guarda-redes dos azuis tocou na bola por instinto, vendo-a escapar-se-lhe e sair para canto...

O **pressing** beiramarense, a que assistimos de imediato, perturbou os belenensistas: Melo, então, passou a ser a figura central do encontro, o elemento mais em foco, pelo muito trabalho de vulto que teve de produzir. Na longa série de intervenções que realizou, são de mencionar as que se verificaram aos 59 m. e aos 66 m., defendendo, em voo, remates de Abel e de Garcês, fazendo com que o **score** se mantivesse em zero-zero.

Aos 72 m., em nova arrancada iniciada por Abel, conjuntamente com Sousa (a actuar, desde o intervalo, integrado no ataque), GARCÊS logrou iludir os defensores lisboetas e concluiu, com êxito, um lance muito rápido dos beiramarenses — que, com mérito inegável, fizeram então o golo que lhes garantiu a vitória.

Animados com o sucesso, os negro-amarelos como que carregaram no acelerador. E, aos 75 m., depois de jogada em que Garcês levou a melhor sobre João Cardoso, Sousa teve o 2-0 à vista: recebendo bem a bola do seu colega, entrou na «meia-lua» e isolou-se, mas acabou por atirar à figura de Melo e de modo frouxo...

O técnico do Belenenses, com duas substituições simultâneas, aos 77 m., procurou mudar o rumo dos acontecimentos. Mas sem resultados que se vissem — dado que os beiramarenses, acautelando-se no sector recuado, contra a eventualidade de qualquer contra-golpe azul, continuaram sempre na mó-de-cima, tendo bem seguras, em sua posse, as rédeas do jogo.

Aos 79 m., em remate de Abel (então, deveria ceder o disparo final a um colega em melhor posição...) o esférico saiu, enrolado, sobre a barra transversal; e, aos 85 m., após bom trabalho de Manecas, a impor-se, com sucessivos **driblings**, num curto espaço, a três contrários e a ganhar um **corner** (seria o oitavo da série consentida pelo Belenenses, que, a seu favor, só teve um), na marcação desta falta, Sousa voou para a bola, cabeceando-a, de modo espectacular, mas sem a direcção mais conveniente, acabando Sambinha por impedir a recarga de Abel.

A estes lances, o Belenenses apenas contrapôs um único — aos 82 m., igualmente ,como na primeira parte, na sequência de um livre. Godinho tocou a bola para João Cardoso, que a lançou para o «barulho». Num feixe de jogadores, o esférico escapou-se a todos e seguia viagem para a baliza — mas, oportuno, Poeira conjurou o perigo que se gerara na confusão... (Domingos estava fora dos postes e, então, Garcês ficou «tocado», em choque com um contrário, sendo assistido).

Em resumo, temos que o triunfo do Beira-Mar está certo. Os números finais é que poderiam e deveriam ser outros, alargando-se-nos o 3-1 como a marca que mais condiria com quanto assistimos na partida.

Esta, no segundo tempo, subiu imenso, tanto no capítulo da emoção, como no capítulo da produção futebolística — com acentuada vantagem global para a turma orientada por Joaquim Meirim.

Com algumas falhas, em castigos assinalados ao contrário, o árbitro produziu trabalho que, embora imparcial e sem influir no desfecho do prélio, pode considerar-se positivo.

Houve, já na fase final da partida, aos 80 m., um «cartão amarelo» para Luís Horta — por entrada dura sobre Sousa. Essa punição pareceu-nos certa; mas assim não o entendeu o defesa azul, que mal soou o derradeiro apito, e numa atitude de revolta que haverá de condenar-se, procurou, de «cabeça perdida», tirar satisfações junto do sr. Mário Borges — sendo impedido de levar por diante os seus intentos mercê de enérgico empurrão do seu colega Godinho que, assim, terá evitado um «caso» deveras lamentável.

Aveiro nos Nacionais

ZONA CENTRO — FEIRENSE e Estrela de Portalegre, 39 pontos. Portalegrense, 37. Sporting da Covilhã, 34. União de Coimbra e União de Santarém, 31. SANJONENSE e Marinhense, 29. Peniche, 27. União de Tomar e Académico de Viseu, 26. Caldas, Torriense e União de Leiria, 24. Torres Novas, 16. ALBA, 12.

As turmas do Riopele e do Paredes continuam com menos um jogo.

III DIVISÃO

Resultados da 28.ª jornada

ZONA B

P. FERREIRA - OLIVEIRENSE	2-0
Viseu Benfica - Leverense	1-2
VALECAMBRENSE - Infesta	2-2
Penalva - Leça	1-0
Avintes - Vildemoinhos	3-0
Freamunde - Trancoso	5-1
Aliados - Lamego	2-1
CUCUJÃES - ARRIFANENSE	4-0

ZONA C

Tondela - OLIV. DO BAIRRO	2-0
Gouveia - Covilhã Benfica	4-0
Guarda - Ala-Arriba	0-0
Naval - Marialvas	3-0
Ançã - Mangualde	0-3
Febres - Vilanovenses	1-1
Tabuense - Esperança	1-5
ANADIA - RECREIO	0-1

Classificações:

ZONA B — Aliados de Lordelo, 43 pontos. PAÇOS DE BRANDÃO, 36. Infesta e Avintes, 35. Lamego, OLIVEIRENSE e Freamunde, 34. Leverense, 30. ARRIFANENSE, 26. Viseu e Benfica e VALECAMBRENSE, 25. CUCUJÃES, 23. Leça, 22. Lusitano de Vildemoinhos, 21. Penalva do Castelo, 15. Trancoso, 10.

ZONA C — RECREIO DE AGUEDA e Mangualde, 41 pontos. Marialvas e OLIVEIRA DO BAIRRO, 39. Naval 1.º de Maio, 38. ANADIA, 31. Covilhã e Benfica, 28. Ançã e Guarda, 27. Tondela, 25. Febres, 23. Ala-Arriba e Esperança, 22. Gouveia, 21. Vilanovenses, 15. Tabuense, 7.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 37 DO «TOTOBOLA»

1	Leixões - Portimonense	1
2	Beira-Mar - Guimarães	1
3	Montijo - Benfica	2
4	Porto - Belenenses	1
5	Atlético - Boavista	2
6	Sporting - Setúbal	1
7	Braga - Académico	X
8	Estoril - Varzim	X
9	Paredes - Salgueiros	1
10	Riopele - Espinho	1
11	Fafe - Paços Ferreira	1
12	U. Leiria - Portalegrense	1
13	Juventude - Barreirense	X

Sumário Distrital

II DIVISÃO

Resultados da 22.ª jornada

ZONA A

Carregosense - Nogueirense	1-1
Eixense - Pigeirós	1-7
Macinhatense - Gafanha	3-0
Romariz - Beira-Vouga	4-0
Severense - Fajões	1-2

ZONA B

Bustos - Barrô	1-0
Samel - Fogueira	1-0
Pampilhosa - Calvão	2-2
Sôsense - Mealhada	2-0
S. Lourenço - Amoreirense	3-2
Troviscalense - Mamarrosa	2-0

Classificações

Zona A — Nogueirense, 49 pontos. Carregosense, 48. Milheiroense, 47. Macinhatense, 44. Pigeirós, Fajões e Romariz, 43. Gafanha, 35. Severense, 31. Beira-Vouga, 29. Eixense, 28.

Zona B — Pampilhosa, 61 pontos. Mealhada, 55. Bustos, 52. Troviscalense, 46. Sôsense, 45. Fogueira, 44. Samel, 42. Mamarrosa, 41. Amoreirense e S. Lourenço, 37. Barrô, 33. Calvão, 31.

IV Olimpíadas dos Bancários de Aveiro

cho Christo (Banco de Angola), medalha de ouro. 2.º — Emanuel Sardo (B.P.M.), medalha de prata. 3.º — Pinho Santos (Banco de Portugal), medalha de bronze. 4.º — António Garcês (Caixa Geral de Depósitos). **50 metros-bruços** — 1.º — Manuel Soeiro (Banco Pinto & Sotto Mayor), medalha de ouro. 2.º — António Garcês (Caixa Geral de Depósitos), medalha de prata. 3.º — Helder Moreira (Banco Português do Atlântico), medalha de bronze. 4.º — Emanuel Sardo (B.P.M.). **50 metros-livres** — 1.º — Francisco Manuel Rebocho Christo (Banco de Angola), medalha de ouro. 2.º — Manuel Soeiro (Banco Pinto & Sotto Mayor), medalha de prata. 3.º — Quintela Lucas (Banco Borges & Irmão), medalha de bronze.

DISTO E DAQUILO... AO ACASO

no Galitos, Clube com uma actividade muito ampla e muito dispersa por várias modalidades), embora compreendendo as razões, dizia, não concordo com esta desigualdade de tratamento para situações iguais.

Desde há anos que venho lutando pelo fomento (gratuito) da prática da natação, sobretudo a partir dos escalões mais jovens. Mantenho, hoje como ontem, esta tomada de posição, que se me afigura correcta e incontestável.

Daí pensar que, face à situação económica dos clubes (que vivem permanentemente cheios de dificuldades, para poderem desempenhar com dignidade a tarefa importantíssima que lhes cabe no incremento do desporto), talvez a Delegação Distrital da Direcção-Geral dos Desportos pudesse tomar a seu cargo e suportasse as despesas que resultam da experiência que se pretende pôr em marcha, de maneira a que, fosse através do Galitos, do Sporting, do Beira-Mar ou de qualquer outra agremiação, a aprendizagem da natação dos alunos interessados e inscritos fosse gratuita.

Deixo a questão exposta à consideração dos responsáveis, particularmente do actual Delegado da Direcção-Geral dos Desportos, Dr. Jorge Severino Silva, um homem do Desporto, que, quando dirigente do Sporting Clube de Aveiro, tanto interesse soube dedicar à prática da natação e de outras modalidades desportivas (ginástica, vela) que faziam e (ou) fazem parte integrante da vida e da actividade do Clube.

LÚCIO LEMOS

Xadrez de Notícias

No primeiro curso, foram aprovados quatro árbitros e dois oficiais de mesa.

O ciclista Carlos Pires (Pontevel) foi o vencedor do **Circuito de Escapães**, efectuado em 25 de Abril, classificando-se, a seguir: 2.º — José Rocha (Arsol), 3.º — Joaquim Martins (Sheiko)). 4.º — Abel Rodrigues (Sanjoanense). 5.º — Vasco Silva (Bom-Sucesso). 6.º —Adriano Pedro (União de Coimbra), 7.º — António Relvão (Sheiko). 8.º — António Chibante (Arsol). 9.º — Carlos Dinis (União de Coimbra). 10.º — Abel Carlos (Travanca).

Por equipas, a classificação foi esta: 1.º — Sheiko. 2.º — União de Coimbra. 3.º — Sanjoanense.

Em 30 de Abril findo, com início às 15 horas, o Illiabum promoveu a realização da sua **II Maratona — 24 Horas de Basquetebol**, em que foi integrado o desafio ILLIABUM - GALITOS, da «Taça de Portugal» (equipas femininas).

ANDEBOL DE SETE

empalidecido (longe disso!), a verdade é que o seu brilho foi ofuscado e, desse modo, a turma aveirense conheceu, intra-muros, o seu primeiro desaire na época em curso.

Digamos tudo: um desaire que já se previa, mas que em nada belisca o prestígio e o valor do S. Bernardo — uma vez mais demonstrados na réplica, com sinal fortemente positivo, que os andebolistas aveirenses ofereceram aos campeões nacionais.

O jogo foi deveras emotivo, disputado de modo viril, mas com total lisura de processos, com grande correcção (houve, à beira do intervalo, uma única suspensão temporária — de Helder — em castigo que se nos afigurou exagerado). Registou-se, de entrada, uma fase de equilíbrio, até ao último **score** favorável ao S. Bernardo (4-3), que então, emprestou clima de muito **suspense** à partida. Com a marca em 3-2, Helder teve dois remates aos postes (um, na tentativa de conversão de um **penalty**) e Chinca defendeu um **penalty** apontado por Hernâni... Depois, já com 4-4, remates de Heber e de Helder levaram a bola contra a madeira da baliza de José António; e foi a altura do Belenenses decidir o desafio a seu favor, conseguindo seis golos consecutivos (três de grande penalidade...). Já com 5-11, novo remate contra a trave, este efectuado por Élio...

No segundo meio-tempo, os azuis nunca perderam o controle da partida, apesar das tentativas de volta-face esboçadas pelo S. Bernardo, movimentando-se de forma a valorizar enormemente o jogo. De referir que Helder converteu mais duas grandes penalidades, desperdiçando outra (a bola embateu na barra) e que Jorge, do Belenenses, teve dois remates à madeira da baliza de Chinca.

Os árbitros, em jogo renhido e muito disputado, dificultaram eles próprios a sua missão, mercê de critério pouco uniforme, em que ressaltaram, de modo nítido, as suas costelas de lisboetas... Foram — é facto incontroverso — tendenciosos, em muitas decisões, errando sempre de modo a ficarem prejudicados os aveirenses (isto até ao intervalo...). O Belenenses, colhendo proveitos de falhas dos juízes, não foi por isso que ganhou: mas, sem dúvida, viu a sua missão facilitada... embora, no segundo tempo, fosse notoriamente prejudicado (a compensar...).

O intervalo regulamentar foi largamente excedido. Houve mais de meia-hora de espera para o reinício do prélio, dado que os árbitros — sentindo-se inseguros (e intranquilos...) — exigiram reforço policial...

Haverá, em fecho, que registar um apontamento acerca do público — que excedeu, em muito, a lotação do recinto, indo ocupar zonas do pavilhão que lhe são normalmente vedadas, colocando-se, inclusive, em locais onde perigava a integridade física de quantos aí ficaram (por detrás das balizas e das linhas finais.).

O excesso de assistentes e a sua permanência quase sobre as linhas do rectângulo de jogo foram condicionantes que, por certo, pesaram no pedido de mais policiamento.

Importa, de futuro, que não se repitam cenas como as de sábado. E, para que tudo corra pelo melhor, terá de começar-se — respeitando, logo à entrada, o público pagante! — por não vender bilhetes para além da lotação do recinto... Há que seguir o exemplo das casas de espectáculos (cinemas, teatros, etc.) e o exemplo que, tantas vezes, nos chega pela TV, em reportagens desportivas lá de fora, do estrangeiro, onde cada espectador tem o seu bilhete, sabendo, ao certo, qual o lugar que pode ocupar...

Basquetebol

Académico de Coimbra - SANGALHOS e Porto - Ginásio Figueirense.

CAMPEONATOS NACIONAIS

JUNIORES — Zona Norte

Resultados da 14.ª jornada

Gaia - Porto	59-38
Naval - Ac.º Coimbra	50-75
Ginásio - Desp. Covilhã	66-61
Leixões - BEIRA-MAR	84-56
Ac.º Porto - SANJOANENSE	98-12

Resultados da 15.ª jornada

GALITOS - Porto	71-54
Ginásio - Ac.º Coimbra	56-72
Naval - Desp. Covilhã	78-72
Ac.º Porto - BEIRA-MAR	116-48
Leixões - SANJOANENSE	66-48

A competição prossegue este fim-de-semana, competindo nos grupos aveirenses efectuar os seguintes encontros: **Sábado (à tarde)** — Ginásio Figueirense - GALITOS, BEIRA-MAR - Académico de Coimbra e SANJOANENSE - Desportivo da Covilhã. **Domingo (à tarde)** — Naval - GALITOS, BEIRA-MAR - Desportivo da Covilhã e SANJOANENSE - Académico de Coimbra.

JUVENIS — Zona Norte

Resultados da 6.ª jornada

Ac.º Porto - Sport	67-50
Ac.º Coimbra - GALITOS	99-39
Vascos da Gama - Sp. Covilhã	106-41
Porto - A.R.C.A.	89-57

No domingo, no fecto da primeira volta, os clubes aveirenses realizam os seguintes desafios: A.R.C.A. - Académico do Porto e GALITOS - Vasco da Gama.

TAÇA DE PORTUGAL

Zona Norte

No seguimento da prova, apuraram-se os seguintes desfechos, no passado fim-de-semana:

Equipas masculinas

ILLIABUM - GALITOS	74-62
Leça - Naval	74-54
ESGUEIRA - Olivais	51-86
Sport - Vilanovense	52-46
Salesianos - Valongo	50-54
Ac.º Porto - Sp. Figueirense	V.-D.

Equipas femininas

Ac.º Coimbra - Cdup	49-36
GALITOS - Olivais	47-57
ESGUEIRA - Académica	38-42
Vilanovense - Ac.º Porto	39-67

CARNAVE-Estaleiros Navais, S.A.R.L.

Estaleiros de Construções e Reparações Navais

TELEFONE 25073 — AVEIRO — PORTO COMERCIAL — APARTADO 18

Relatório, Balanço, Contas e Parecer do Conselho Fiscal referente ao exercício de 1976

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

1 — Em cumprimento das disposições legais e estatutárias, apresentamos à apreciação de V. Ex.as o nosso relatório, balanço e contas relativos ao exercício findo em 31-12-76.

2 — Os elementos constantes daqueles documentos são pormenorizados e permitem, dessa forma, uma percepção correcta da situação desta Sociedade.

3 — Os desequilíbrios verificados entre o capital e o imobilizado — já assinalados no nosso relatório referente ao exercício findo em 31-12-75 — mantêm-se com toda a sua crueza a justificar o aumento do capital social de 10 000 para 15 000 já aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 19-3-76 e a recomendar quiçá um novo aumento no mais curto espaço de tempo possível.

4 — O aumento do capital social desta Sociedade aprovado em 19-3-76 não pôde ainda ser concretizado por duas razões fundamentais.

a) Profunda desmobilização ao investimento no sector privado;

b) Existência de legislação até 28-2-77 que tornava inviável a transacção de acções por parte das Sociedades Anónimas.

A desmobilização em relação ao investimento parece ter entrado no período de degelo o que nos leva supor que até fins de Abril próximo futuro poderemos realizar o capital em falta e proceder à escritura do aumento. Também a legislação do Conselho da Revolução proibindo a transacção de acções foi revogada o que nos permite proceder, legalmente, ao aumento de capital desejado.

5 — As perspectivas tanto no sector de construção como no de reparações navais são agora mais animadoras: há mais armadores com iniciativas quanto a unidades novas da mesma forma que parece muito positivo o apoio que lhes está a ser dado para a reparação e reconversão de unidades usadas.

Por outro lado os nossos Estaleiros deverão conhecer até fins de Abril uma nova operacionalidade que lhes permitirá receber encomendas e executar trabalhos que até agora nos estavam vedados.

6 — Não foi fácil a administração desta Sociedade durante o ano de 1976. As dificuldades de acesso ao crédito foram as principais constantes dessa dificuldade. Chamamos particularmente a atenção dos Senhores Accionistas para o facto do acesso ao crédito a longo prazo só nos ser possível se tivéssemos procedido, durante o exercício findo, ao aumento do capital social da Sociedade respondendo dessa forma à exigência do Banco de Fomento Nacional.

Desde a primeira hora, até porque sentíamos a importância de tal medida, procurámos assegurar esse aumento, mas as disposições legais vigentes até fins de Fevereiro próximo passado impediram-nos de concretizar o plano.

Condicionados por esta contradição circunstancial tivemos que procurar resolver as nossas situações de impasse com o recurso ao crédito a curto e a médios prazos. Mesmo assim, foi-nos possível ultrapassar o exercício com um saldo positivo de 105 653$90, amortizações de 2 766 228$20 e encargos financeiros de 1 237 935$20.

7 — Ao completarmos o nosso mandato de dois anos à frente dos destinos da CARNAVE, queremos deixar bem expresso o nosso agradecimento aos Senhores Accionistas, à Mesa da Assembleia Geral,, ao Conselho Fiscal, aos nossos trabalhadores pelo apoio que nos prestaram através da sua assiduidade e compreensão na análise e, por vezes, na superação dos problemas da Sociedade.

Aveiro, 25 de Março de 1977.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente — *Manuel de Jesus Mendes*
Ulisses Rodrigues Pereira
António Carvalho Lucas

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

	Custo	Amortização	Líquido
IMOBILIZADO			
Gastos de constituição e de instalações	2 110 384$20	1 055 069$90	1 055 314$30
Alvará	400 000$00	60 00$00	340 000$00
Edifícios	2 169 495$90	129 425$00	2 040 069$90
Barracões	352 752$20	52 912$80	299 839$40
Doca de encalhe	17 967 933$80	1 062 410$20	16 905 523$60
Ensecadeira	3 041 216$40	1 520 456$20	1 520 760$20
Acessos e arruamentos	128 809$70	7 718$60	121 091$10
Cantina	39 191$20	3 919$10	35 272$10
Posto de transformação	133 704$10	10 027$80	123 676$30
Instalação eléctrica	47 161$00	3 353$60	43 807$40
Instalação de água	24 821$10	1 241$10	23 580$00
Máq. aparelhos e ferramentas	706 298$10	102 282$30	604 015$80
Grua	488 755$60	73 313$40	415 442$20
Móveis e utensílios	119 352$00	16 916$40	102 435$60
	27 729 874$30	4 099 046$40	23 630 827$90
REALIZÁVEL			
Existências			
Matérias-primas	798 020$10		
Obras em curso	7 434 825$00	8 232 845$10	
Devedores gerais			
Normais		4 185 745$40	
Letras a receber		699 900$00	13 118 490$50
FINANCIAMENTOS			
Empresa de Pesca do Arrasto, Lda.			220 000$00
CONTAS TRANSITÓRIAS			
Pagam. antecipados			146 000$00
DISPONÍVEL			
Caixa		5 175$20	
Bancos		115 463$20	120 638$40
SITUAÇÃO LÍQUIDA			
Lucros e perdas			
Resultados de exercícios anteriores		560 885$30	
A deduzir: Lucro do exercícioo de 1976, conforme anexo I		105 653$90	455 231$40
		Esc.	37 691 188$20

CAPITAL E RESERVAS

CAPITAL			10 000 000$00

PASSIVO

EXIGÍVEL			
Credores gerais			
Normais	11 412 217$40		
Especiais	1 000 000$00	12 412 217$40	
Títulos a pagar			
Letras a pagar	6 460 747$00		
Livranças	6 853 500$00	13 314 247$00	
Accionistas			
Subscrição capital		485 000 $00	26 211 464$40
CONTAS TRANSITÓRIAS			
Encargos a liquidar			1 479 723$80
		Esc.	37 691 188$20

Aveiro, 25 de Março de 1977.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente — *Manuel de Jesus Mendes*
Ulisses Rodrigues Pereira
António Carvalho Lucas

O TÉCNICO DE CONTAS
Benjamim Garcia Pinto Fonseca

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE LUCROS E PERDAS

ESTALEIROS C/ EXPLORAÇÃO			
Receitas			
Obras concluídas (líquido)		5 194 416$40	
Diversos		79 266$00	
Obras em curso (facturado)		1 470 000$00	6 743 682$40
A deduzir			
Devoluções e diferenças			2$10
			6 743 680$30
Existências			
Conforme inventário em 31-12-76:			
Matérias-primas		798 020$10	
Obras em curso		7 434 825$00	8 232 845$10
			14 976 525$40
A deduzir			
Mercadorias (compras)			
Matérias-primas	803 095$70		
Mat. de uso específico	169 875$30		
Obras em curso de 1975	1 235 000$00		
Diversos materiais	1 506 138$80	3 714 109$80	
Encargos directos (fabris)			
Ordenados e salários	3 441 830$10		
Subsíd. grat. prémios	39 371$40		
Horas extras	5 403$40		
Encargos sociais	792 645$50		
Despesas c/ deslocações	57 424$60		
Água e luz	26 247$10		
Higiene, limp. e conforto	2 293$70		
Comissões e descontos	32 238$70		
Serviços de terceiros	177 303$20		
Conservação de máquinas	17 195$40		
Conservação de instalações	171 142$10		
Transportes e fretes	71 235$50		
Combustíveis e lubrificantes	58 332$70		
Avenças e honorários	107 436$50		
Seg. de acidentes de trabalho	75 973$20		
Seguros de fogo	31 027$50		
Diversos	261$70	5 607 362$30	9 321 472$10
A transportar — Lucro bruto no estaleiro			5 655 053$30
Transporte — Lucro bruto no estaleiro			5 655 053$30
RECEITAS			
Juros e descontos		16 602$40	
Diversos		40 623$40	57 225$80
			5 712 279$10
ENCARGOS GERAIS			
Encargos gerais de administração			
Ordenados e remunerações	463 600$00		
Subs. grat. e prémios	99 430$00		
Encargos sociais	113 175$00		
Encargos leg. e notar.	11 172$00		
Desp. de representação	166 610$90		
Higiene, limpeza e conforto	31$90		
C. T. T.	57 761$80		
Impressos e mat. de expediente	54 062$20		
Conservação de instalações	985$80		
Publicidade e anúncios	142 573$10		
Quotas	50$00		
Avenças e honorários	325 059$50		
Donativos e ofertas	800$00		
Amort. imob. incorpóreo	743 374$40		
Amort. imob. corpóreo	2 022 853$80		
Diversos	493$20	4 202 033$60	
Encargos fiscais			
Taxas e licenças diversas	3 502$00		
Multas	26 262$00		
Valores selados	136 892$40	166 656$40	
Encargos financeiros			
Juros e descontos		1 237 935$20	5 606 625$20
Lucro líquido do exercício		Esc.	105 653$90

Aveiro, 25 de Março de 1977.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente — *Manuel de Jesus Mendes*
Ulisses Rodrigues Pereira
António Carvalho Lucas

O TÉCNICO DE CONTAS
Benjamim Garcia Pinto Fonseca

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS

Designação	Valor Nominal	Preço médio de compra	Cotação na bolsa	Valor de balanço	Valor de aquisição	DIFERENÇAS	
						Flutuação de valores	Perdas levadas a resultados
1. Participações financeiras							
1.1. Quotas							
1.1.1. Empresa de Pesca de Arrasto, Lda.	220 000$00	—$—	—$—	220 000$00	220 000$00	—$—	—$—
1.2. Total	220 000$00	—$—	—$—	220 000$00	220 000$00	—$—	—$—

O TÉCNICO DE CONTAS

Benjamim Garcia Pinto Fonseca

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente — *Manuel de Jesus Mendes*
Ulisses Rodrigues Pereira
António Carvalho Lucas

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias, submetemos à apreciação de V. Exas. o nosso parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1976.

Como também legalmente nos compete, procedemos com regularidade ao exame dos livros e demais documentos de contabilidade e à conferência dos bens patrimoniais. Desses exames e dessas conferências ficou-nos a certeza de que tudo estava a processar-se com correcção e utilizando critérios valorimétricos adequados.

Debruçámo-nos cuidadosamente sobre o Relatório, Balanço e Contas, bem como sobre o inventário de participações financeiras e o conjunto dos valores mobiliários e imobiliários encontrando que tudo se fez em obediência à lei e aos Estatutos da Sociedade.

Com base em tudo isso, somos de parecer e propomos que:

1.º — Aproveis o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1976;

2.º — Vos associeis aos votos expressos pelo Conselho de Administração no seu Relatório;

3.º — Aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela sua dedicada, criteriosa e competente Gerência.

Aveiro, 28 de Março de 1977.

O CONSELHO FISCAL

Presidente — *Sebastião Dias Marques*
José da Costa Portugal
José Mendes Macedo Loureiro

Fonseca & Teixeira, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que por escritura de 19 de Abril de 1977, de fls. 8 a 11 v.º do livro de escrituras diversas N.º 527-A, deste 1.º Cartório e outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi constituída entre António Alberto do Vale Fonseca e Arménio Gomes Teixeira, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma, «Fonseca & Teixeira, Limitada», tem a sua sede, estabelecimento principal e escritório nesta cidade, no rés-do-chão de um prédio urbano, sito na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 39, freguesia da Vera-Cruz, tendo tido início no dia 1 deste mês.

2.º — A sociedade poderá criar sucursais, filiais ou qualquer forma de representação em qualquer ponto do país ou mesmo no estrangeiro, quando achar conveniente; e durará por tempo indeterminado.

3.º — O objecto da sociedade é o comércio de sapataria e confecções, bem como de todos os outros artigos similares ou afins, podendo ainda dedicar-se a qualquer outra actividade que seja deliberada em assembleia geral, desde que permitida por lei.

4.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro já entrado na Caixa Social é de 200 mil escudos e corresponde à soma de duas quotas de 100 mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios.

5.º — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer os suprimentos de que a mesma carecer, para satisfação de compromissos ou desenvolvimento das operações sociais, nas condições de remuneração o vencimento que previamente forem acordados em assembleia geral.

6.º — A gerência e administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, dispensados de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

Para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas conjuntas de dois gerentes, ou dos seus procuradores, nos termos e limites do respectivo mandato. Qualquer dos gerentes em separado, ou dois ou mais em conjunto, podem delegar os seus poderes de gerência em terceiro, por meio de procuração, mas se este não for sócio, só com o consentimento da sociedade.

§ único — Dos poderes de gerência ficam expressamente excluídos os de obrigar a sociedade em actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, nomeadamente em fianças, abonações ou letras de favor.

7.º — A cessão de quotas entre os sócios é livre. A cessão a terceiros por acto oneroso ou gratuito, inter-vivos, tem direito de preferência a sociedade em primeiro lugar e, em segundo, os sócios individualmente considerados.

§ 1.º — Para o efeito, o sócio que pretender ceder a sua quota, comunicará a sua intenção à sociedade, por meio de carta registada, com aviso de recepção, indicando a pessoa a quem a pretende ceder.

§ 2.º — Se a sociedade não preferir, dará conhecimento pela forma indicada no parágrafo anterior, aos restantes sócios para querendo, preferirem no prazo de 15 dias.

§ 3.º — Se no prazo de 30 dias a contar da notificação à sociedade, o sócio cedente não receber qualquer comunicação, no sentido de preferência da sua parte ou de qualquer sócio, poderá ceder a sua quota à pessoa indicada.

§ 4.º — O preço de cedência é o que resultar do último balanço aprovado, levando em conta os fundos de reserva, os lucros ou prejuízos verificados, bem como quaisquer outros elementos de contabilidade que possam influenciar o valor real da quota e deverá ser pago de uma só vez, no acto na respectiva escritura de cessão, que deve ser outorgada no prazo de 30 dias, contados da data da declaração de vontade do preferente.

8.º — A sociedade poderá amortizar ou desonerar qualquer quota, mediante o depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, do seu preço à ordem do respectivo tribunal ou de quem a ele tiver direito nos seguintes casos:

a) Quando a mesma venha a ser arrestada, penhorada ou anulada, mesmo em virtude de separação judicial de pessoas e bens ou divórcio de qualquer dos sócios ou por qualquer razão esteja pendente da venda judicial; b) Pertencente a qualquer sócio gerente, quando este deixe de exercer a gerência social voluntariamente ou em virtude de exoneração da mesma, por deliberação da assembleia geral; c) No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios.

9.º — O preço da amortização em qualquer dos casos será determinado tomando em conta os seguintes elementos: a) Valor nominal da quota a amortizar; b) Fundo de reserva; c) Saldos das contas de «Ganhos e Perdas»; d) Resultado do exercício (lucro ou prejuízo) apurado à data da deliberação da amortização pela assembleia geral, tornando-se por base o saldo do último balanço e na proporção do tempo decorrido; e) Saldo das contas que porventura existam em nome do sócio cuja quota se pretende amortizar; f) Quaisquer outros elementos de contabilidade que contribuam para o apuro do valor real da quota a amortizar.

O valor da quota assim determinado e porque não serão realizados quaisquer elementos do activo imobilizado, será pago no prazo máximo de 2 anos, em prestações semestrais de montante igual, em dinheiro ou titulados por letras de aceite da sociedade e que vencerão um juro anual igual ao da taxa de desconto do Banco de Portugal.

10.º — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios, prosseguindo na pessoa ou pessoas dos seus herdeiros ou representantes sem prejuízo do previsto na alínea c) do art.º 8.º.

11.º — Quando a lei não exigir formalidades especiais, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de 8 dias.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 2 de Abril de 1977

O AJUDANTE,

a) *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 6/5/77 — N.º 1159

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela 1.ª Secção — 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Aveiro, correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o réu António de Oliveira Cardoso, sem profissão, com última residência conhecida na R. da Cabelada, Póvoa do Valado, Cacia, Aveiro, e actualmente ausente em parte incerta do país, para, no prazo de vinte dias, decorridos que sejam os dos éditos, contestar, querendo, a acção com processo especial — Divórcio — que lhe move Maria Marques Dias, casada, doméstica, residente em Mamodeiro, Requeixo — Aveiro, nos termos e com os fundamentos constantes da petição inicial cujo duplicado se encontra patente nesta secretaria, para lhe ser entregue quando procurado e que, em resumo a mesma autora pede seja decretado o divórcio litigioso entre ambos e o citando condenado em custas e procuradoria, advertindo-se ainda que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados.

Mais se cita o mesmo réu para, dentro do mesmo prazo e findos que sejam aqueles éditos contestar, querendo, o pedido de assistência judiciária requerido pela Autora.

Aveiro, 21 de Abril de 1977.

O JUIZ DE DIREITO,
a) *Francisco Silva Pereira*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) *Abel Emílio Vieira Neves*

LITORAL - Aveiro, 6/5/77 — N.º 1159

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que, pelo 2.º Juízo de Direito desta comarca, e 1.ª Secção de Processos, e nos autos de acção de divisão de coisa comum registados sob o n.º 142/76, que os autores JOÃO RODRIGUES BRANCO, cerâmico, e mulher, MARGARIDA DUARTE FERREIRA, doméstica, residentes em São Bernardo, movem contra os réus DOMINGOS RODRIGUES BRANCO, solteiro, maior, ausente em parte incerta do Brasil e com último domicílio em São Bernardo, MARIA ERMELINDA RODRIGUES BRANCO, doméstica e marido, CARLOS DOS SANTOS RODRIGUES, fiscal da Inspecção das Actividades Económicas, residentes em São Bernardo, AMÉRICO RODRIGUES BRANCO ,empreiteiro, e mulher, DALILA DE JESUS BRANCO, doméstica, residentes em Cave, freguesia de Avelãs de Cima, comarca de Anadia, IDALINA RODRIGUES BRANCO, doméstica, e marido, PORTUGAL LÍRIO DOS SANTOS, operário, residente na Rua das Carrasqueiras, em Azambuja, comarca de Cartaxo, e JOÃO MANUEL RODRIGUES BRANCO, operário, e mulher, MARIA ALICE TIBÚRCIO, doméstica, residentes na Rua das Carrasqueiras, em Azambuja, comarca de Cartaxo, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos daqueles autores e réus para, no prazo de dez dias, findos que sejam o dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto do imóvel em questão nos referidos autos, sobre que tenham garantia real.

Aveiro, 2 de Maio de 1977.

O JUIZ DE DIREITO,
a) *José Alexandre de Lucena Vilhegas do Vale*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) *António José Robalo de Almeida*

LITORAL - Aveiro, 6/5/77 — N.º 1159

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que pelo Segundo Juízo e Primeira Secção nos autos de Acção Especial de Divórcio em que são autora Fernanda de Jesus, doméstica, residente em Esgueira e réu António José da Cruz, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Gafanha da Nazaré, correm éditos de trinta dias contados da última publicação do respectivo anúncio citando este reu para no prazo de vinte dias contestar querendo a referida acção com a advertência que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela autora, constando o pedido desta em ser decretado o divórcio entre ela e o réu pelo fundamento previsto na alínea h) do art. 1778.º do Código Civil conforme tudo melhor consta do duplicado que se encontra patente nesta Secretaria.

Aveiro, 23 de Abril de 1977

O JUIZ DE DIREITO,
a) *José Alexandre de Lucena Vilhegas e Vale*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) *António José Robalo de Almeida*

LITORAL - Aveiro, 6/5/77 — N.º 1159

MINISTÉRIO DA AGRICULTRA E PESCAS

SECRETARIA DE ESTADO DO COMÉRCIO E INDÚSTRIAS AGRÍCOLAS

INSTITUTO DOS CEREAIS

AVISO

Para conhecimento da Lavoura comunica-se o seguinte:

A — **Preços e condições de aquisição do arroz em casca da produção nacional pelo Instituto dos Cereais**

1.º — A tabela do comportamento industrial base e dos preços de aquisição pelo Instituto dos Cereais do arroz em casca da produção nacional para a colheita de 1977 é a seguinte:

Tipo Comercial	PERCENTAGENS			Preço por Kg.
	Grãos int.	Trincas	Total	
Carolino	52	17	69	7$28
Gigante	53	16	69	7$23
Mercantil	57	15	72	7$07
Corrente	57	14	71	5$78

2.º — São cultivares correspondentes aos tipos da tabela:

a) Carolino — *Rinaldo Bersani, Ribe, Santo Amaro, Roma, Ringo, Rossa, Arbório, Rialto e Italpatna;*

b) Gigante — *Precoce 6, Allório, Stirpe 136, Cesariot, Ponta Rubra, Balilla Grana Grossa, Marchetti Saloio, Sequial, Girona e Valtejo;*

c) Mercantil — *Chinês, Balila, Benloch, Settantuno, Oeiras e precoce Monticelli;*

d) Corrente — *Cultivares de grão vermelho, mistura de cultivares, assim como todo o arroz que, pelas suas características, não possa ser incluído nos outros tipos comerciais.*

3.º — Os preços correspondentes aos comportamentos industriais superiores ou inferiores à base, bem como as tolerâncias admitidas na composição de grãos inteiros de cada tipo, no que diz respeito a grãos vermelhos, verdes, amarelos e avariados, serão indicados oportunamente em tabelas a divulgar pelo Instituto dos Cereais.

4.º — Os preços referidos nos números anteriores respeitam a arroz seco, com o máximo de 14% de humidade.

5.º — Quando o arroz contiver mais de 14% e menos de 15% de humidade, o Instituto dos Cereais descontará no peso o excesso que se verificar.

6.º — O arroz que contiver mais de 15% de humidade não será recebido pelo Instituto dos Cereais.

7.º — Os preços de aquisição referem-se a arroz colocado nos celeiros do Instituto dos Cereais.

8.º — A determinação do tipo comercial de qualquer cultivar não constante na tabela será feito pelos serviços técnicos do Instituto dos Cereais.

B — **Bonificação Regional à Zona Norte**

1.º — Em relação à colheita de 1977 é concedido ainda com carácter excepcional, uma bonificação regional ao arroz em casca do tipo comercial Gigante produzido nos seguintes concelhos:

Agueda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Aveiro, Estarreja, Ilhavo, Mealhada, Mira, Oliveira do Bairro, Ovar e Vagos.

Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Pombal e Soure.

Alcobaça, Batalha, Caldas da Rainha, Leiria, Marinha Grande e Nazaré.

2.º — O montante global da bonificação será de 38 000 contos e atribuída em função da quantidade de cereal entregue nos celeiros do Instituto dos Cereais ou nas unidades de descasque.

3.º — No acto de entrega do cereal nos celeiros do Instituto dos Cereais ou na Indústria de Descasque, o agricultor receberá $80 por quilograma e o restante logo que a totalidade do arroz produzido na região bonificada esteja na posse do Instituto ou da Indústria.

Entretanto, todos os produtores da zona, como condição para o seu recebimento, deverão possuir o correspondente cartão de produtor.

C — **Manifesto**

Relativamente a todas as áreas afectadas à cultura do arroz a Lavoura terá, de manifestar, no Instituto dos Cereais, até ao dia 15 de Junho o cereal da sementeira e até ao dia 31 de Dezembro o produzido.

Se um produtor tiver várias parcelas de cultivo deverá incluir as mesmas num único Manifesto esclarecendo-as .

Lisboa, 27 de Abril de 1977.

A COMISSÃO DE GESTÃO

De que Partido somos nós?

Continuação da 3.ª página

por isso, o risco de vir a ser explorada partidariamente) se ela não fosse publicada, era como se não tivesse sido escrita. Ora eu já não faço exercícios literários...

Havia, portanto, que permitir o risco de ela ser publicada.

Nesta hora, (que Lopes Cardoso já, publicamente também, afirmou ser a hora da verdade para o P.S.), nesta hora, ia a dizer, importa obrigar o P.S. a ser aquilo que ele diz que é. A hora, pois, é de todos os verdadeiros socialistas. A hora é nossa, portanto.

Que nenhum de nós esqueça que o Socialismo ainda está hoje na era da sua pedra lascada. E não devemos esquecer que, finalmente, a Poesia deve, tem de ser feita por todos. Por nós, portanto, também...

Ora, por isso, diante de certas posições, é urgente que sejamos todos recriadores, não nos esquecendo de inquirir qual o marxismo ortodoxo, qual o marxismo marxista. Marx que (não se esqueça também) teve de dizer, em vida, perante certos marxismos, que também ele já não era marxista.

Sempre que falo disto com os meus camaradas comunistas, eles ignoram-no. Só Mário Sacramento já o sabia...

Mas voltemos ao P.S.

Neste partido, como partido democrático que é, e como partido marxista que quer ser, usando embora o marxismo mais como método do que como dogma, neste partido, as minorias são vencidas, mas não silenciadas. Ou não deviam sê-lo. Elas, com efeito, fazendo aliás o uso do regular e regulamentado direito de tendência, elas são dialecticamente necessárias à vida, à verdade, ao progresso do partido.

As experiências (e a minha carta era uma delas) valem, assim, mais que todas as ortodoxias mortas, moribundas ou vazias de impacto político. Ai dos partidos que trabalham, que funcionam, ciberneticamente, como máquinas. A alienação pode bem continuar neles — maior!

Como Sísifo, levo a minha pedra para a nossa nova casa. Mas recuso-me a ser peça de engrenagem do computador...

A IMAGINAÇÃO AO PODER, portanto.

Ainda mais: sempre fui avesso aos Zuraras. Prefiro Góis, embora expulso da corte dos iluminados. Frequentemente me pergunto: qual será o nosso Galileu de hoje?

Prefiro, pois, que erre (mal possível) para errar (bem necessário).

Volta aqui a sair-me (e o pensamento é de Mário Sacramento, no diálogo em que ele morreu a travar comigo, em que eu era um bom pretexto para que falasse com todos e a todos fizesse avançar) pois volta aqui a sair-me um duplo sentido.

Estou a ser brutalmente sincero. E longo. Vou acabar.

Fala-me que é patriota. Um bom democrata jamais o deixa de ser. Quem o põe em causa? Mas qual o nosso mundo?

Não resta ao cidadão senão escolher. E a escolha não oferece dúvidas ao cidadão socialista. O socialismo ainda é de estufa. Uma planta só com plantas se dá.

Mas eu não vejo qualquer dificuldade em conjugar o patriotismo nacional com o internacionalismo proletário.

Dir-me-á, então, o meu camarada Costa e Melo: estamos os dois enganados. O Mário da Rocha não é do P.S., como pensa, mas, sim, do P.C., como não quer. Não me escandalizaria — porque eu ponho a defesa dos trabalhadores acima dos interesses do partido. Não fui para o P.S. militar pelo partido; fui para o P.S. lutar pelo Socialismo. E tudo aquilo que venho desenvolvendo nesta campanha não é mais do que uma atitude de militância interna pró-socialismo.

A opção de classe implica, necessariamente, esta dimensão internacionalista. E eu não vejo como se possa ser socialista, se não se tiver esta opção de classe.

Quanto ao pluralismo, de que me fala, volto a dizê-lo: tenho defendido e defendo o pluralismo. Um pluralismo, porém, que seja dinâmico, progressista. Como o expõe Radice, por exemplo.

Ou acha o meu camarada Costa e Melo que, para se ser pluralista, se tenham de pagar os portes à RUA ou ao Jornal da Bairrada?

Aliás, se o pluralismo não for assim defendido, eu não sei como o P.S. pretende atingir uma sociedade sem classes, mantendo partidos que as consolidam, defendem e afirmam.

O P.S. quer — e eu acho muito bem — o Socialismo e a Liberdade. É tempo, porém, de se começar a perguntar: Que Socialismo? Liberdade para quê e para quem?

Socialismo é já liberdade, porque é libertação. O Socialismo é a liberdade, repetem-me os meus camaradas comunistas.

Ora a liberdade que o socialismo é, é necessária com certeza, mas sem dúvida que não é suficiente. Não basta ao humano estar livre da fome, do desemprego, do erro e da doença. Mais do que estar livre, o homem precisa de ser liberto...

E as condições económicas não são tudo. Por isso, a Revolução, só por si, não tem sido suficientemente revolucionária. E o P.S., grande actor desta nossa revolução, que examine. *Afinal, mudaram-se algumas coisas, para ficar na mesma!...*

«La révolution sera morale ou elle ne sera pas», diria Péguy.

E não se diga que tudo isto não passa dum estafado e ineficaz moralismo. Não. Mais do que tudo isto, importa que todos aprendamos a criar, na cidade, zonas verdes de liberdade. Facultar ao homem a liberdade de criar o homem.

É também, por isso, que o Socialismo é ainda, não já um sonho proibido, mas um sonho por fazer. Estamos todos nós, afinal, na Pré-História Humana.

Ninguém educa ninguém, devemos concluir com Paulo Freire. E ninguém educa ninguém, porque somos todos a educar todos.

Com tudo isto, meu muito prezado camarada Costa e Melo e amigo que muito estimo, devemos todos nós humildemente concluir (e confessar) que muito mal fazem os socialistas à causa do Socialismo.

A vida escapa-se-nos a todas as retortas. A História costuma ser heterodoxa. E a maior das ortodoxias poderá levar-nos a sermos heterodoxos. No dogma, que não no método... Pior de tudo, portanto.

Continuo, assim, a ser contra todos os novos patrões da verdade. Abaixo os monopólios.

Ora eu entendo que um partido nunca é de valor absoluto. Não me interessa servir o partido; interessa-me, sim, pôr o partido ao serviço da verdade. Que só a verdade progride e... liberta!

Por tudo isto eu sou, continuo a ser, apesar de tudo, do P.S. Um acto de justiça é mais revolucionário que todos os bons programas de revolução. Por isso, esta continuidade de militância dentro do partido.

E isto esclarecerá, um pouco, por que motivos sou do P.S., aos meus camaradas amigos que me contavam no P.C. ou até mais à esquerda.

Mas aliás, por tudo isto e mais, tenho-me perguntado muito: — mas serei eu, poderei eu ser, algum dia, um homem de partido?

E por tudo isto e mais, pergunto eu agora, meu caro amigo e camarada Costa e Melo: de que partido seremos nós?

Silveiro, 29 de Abril de 1977.

MÁRIO DA ROCHA

Em Esgueira:

III TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO

Vai iniciar-se amanhã, sábado, pelas 21 horas, no Campo da Alameda, o III Torneio de Futebol de Salão, numa organização do Clube do Povo de Esgueira.

Trinta e duas equipas acorreram à participação deste popular torneio, representando diversas colectividades, grupos e firmas.

São três os encontros da noite inaugural e, todos os dias, à excepção de domingos, outros tantos encontros se realizarão, com início às 21, 22 e 23 horas.

Campeonato Nacional da I Divisão

FUTEBOL

TOTALMENTE MERECIDO!

BEIRA-MAR, 1
BELENENSES, 0

Jogo no sábado, no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Mário Borges, coadjuvado pelos srs. Augusto Adriano (bancada) e Óscar Neiva (superior) — da Comissão Distritatl do Porto.

As equipas:

BEIRA-MAR — Domingos; Manecas, Quaresma, Soares e Poeira; Carvalho, Jorge (Zezinho, aos 58 m.) e Rodrigo; Sousa, Garcês e Abel.

BELENENSES — Melo; Sambinha, Johny, Luís Horta e João Cardoso; José Maria (José Rocha, aos 77 m.), Isidro e Godinho; Vasques, Amaral e Jesus (Alfredo, aos 77 m.).

Marcador — GARCÊS, aos 72 m.

«Cartão amarelo» — para Luís Horta, aos 80 m., por falta sobre Sousa.

Primeira parte bastante modesta, carecida de vibração, morna e lenta — com muitas carências de ambas as turmas, sobretudo nas respectivas manobras atacantes.

Beira-Mar e Belenenses perfilharam idênticos sistemas — jogando em 4×4×2 —, com os meios-campos super-povoados, em prejuízo dos sectores dianteiros, reduzidos a duas unidades: Garcês e Abel, nos aveirenses; Amaral e Vasques, nos lisboetas.

Assim, as linhas recuadas — actuando com atenção e com vantagem numérica sobre os adversários directos — exibiram-se sem sobressaltos e sem problemas de maior para resolver, impedindo, sempre com êxito, as tentativas de perfuração dos respectivos antagonistas, sendo de notar, porém, que os negro-amarelos tiveram, por seu lado, um bem mais dilatado esboço do que foi a metade inicial.

Acentuemos, ainda neste esboço do que foi a metade inicial, que houve

Continua na pág. 5

ARQUIVO

Resultados da 26.ª jornada

Portimonense - Guimarães	2-1
Leixões - Benfica	1-2
BEIRA-MAR - Belenenses	1-0
Montijo - Boavista	1-0
Porto - Setúbal	3-1
Atlético - Académico	0-1
Sporting - Estoril	5-0
Braga - Varzim	0-0

Tabela de pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Benfica	26	19	5	2	57-23	43
Porto	26	16	5	5	58-20	37
Sporting	26	15	7	4	48-23	37
Académico	26	12	6	8	26-21	30
Boavista	26	10	7	9	34-31	27
Setúbal	26	11	5	10	39-36	27
Varzim	26	9	9	8	33-33	27
Braga	26	9	8	9	32-31	26
Belenenses	26	6	12	8	26-25	24
Guimarães	26	8	6	12	32-31	22
Estoril	26	5	12	9	21-30	22
Leixões	26	3	14	9	14-27	20
Portimon.	26	7	6	13	29-42	20
Montijo	26	6	8	12	24-40	20
Beira-Mar	26	5	9	12	29-51	19
Atlético	26	3	9	14	19-57	15

Próxima jornada

Guimarães - Leixões 1-2)
Benfica - BEIRA-MAR (2-2)
Belenenses - Montijo (0-1)
Boavista - Porto (0-2)
Setúbal - Atlético (5-2)
Académico - Sporting (0-2)
Estoril - Braga (1-1)
Varzim - Portimonense (1-2)

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 26.ª jornada

Pinheirense - Fiães	1-1
Valonguense - Fermentelos	0-0
Avanca - S. Roque	4-1
Cortegaça - Arouca	1-1
Paivense - Esmoriz	0-0
Bustelo - Estarreja	2-1
Luso - S. João de Ver	0-0
Ovarense - Cesarense	4-1

Classificação — Bustelo, 62 pontos. Esmoriz, 59. S. João de Ver e Arouca, 58. Avanca e Ovarense, 57. Cesarense, 56. Valonguense, 55. Fiães, 54. Cortegaça, 52. Estarreja, 50. Paivense, 47. S. Roque, 45. Pinheirense, 43. Luso, 41. Fermentelos, 38.

Continua na pág. 5

Falando de Atletismo...

Apontamentos do ENG. ANTÓNIO CARRETAS

MANUEL ROCHA, O FUNDISTA AVEIRENSE DO MOMENTO

A ninguém restam quaisquer dúvidas que a competição faz falta a todos os atletas, no sentido de melhorarem as suas marcas e que uma boa pista «ajuda» a essa melhoria.

Mas, se ainda as houvesse, elas ficariam desfeitas no passado domingo, 24 de Abril, quando Manuel Rocha, o brioso atleta do Grupo Desportivo da Gafanha, alinhando na pista do Jamor, na prova de 10 000 metros do Campeonato de Portugal (a qual, julgo, correu «a sério» pela primeira vez), pulverizou o recorde absoluto de Aveiro naquale distância, melhorando o anterior em quase 1 minuto.

Ao colocar a marca-recorde em 31 m. 01,0 s. — contra 31 m. 58,8 s. do anterior recordista, outro brilhante fundista do Distrito, Mário Cordeiro (que teve também a sua época, mas... os anos vão pesando, não é, Mário?) — Manuel Rocha conseguiu a melhor marca do atletismo aveirense, correspondendo a 855 pontos da tabela de Fernando Amado, (que é por onde no nosso País se medem as «performances» atléticas), batendo por 5 pontos a inda excelente marca dos 1500 metros (3 m. 56,4 s.) de Mário Cordeiro, obtida em 1971.

Que faria este atleta se lhe fossem proporcionadas as condições que possuem os atletas de algumas outras associações, nomeadamente a de Lisboa (ah! esta macrocefalia!) Em que condições é que ele se treina, se alimenta, se forma, na Gafanha, onde vive? Talvez o seu treinador, o dedicado Júlio Cirino, queira «explicar» como é (até por comparação com os mais previlegiados neste aspecto).

Apesar das contrariedades por que passa o «maltratado» atletismo aveirense (para quando uma pista na cidade?!), Manuel Rocha consegue marcas já com algum valor no nosso meio. Ele é bem o fundista do momento, capaz ainda de melhorar bastante em todas as distâncias regulamentares das corridas de fundo (e por que não no meio fundo — 1500 metros por exemplo?). Oxalá não se «perca»...

— o —

Ainda na mesma sequência de provas, aconteceu outro recorde regional absoluto — o do lançamento do dardo feminino, pela atleta do Clube Desportivo de Estarreja, Lucinda Leal, que fez 31,62 m., marca já razoável apesar da pouca «técnica» que a atleta apresenta nesta difícil especialidade. Mais «burilada», e treinando-se com assiduidade, que rica atleta ali temos para discutir (pois então!?) o título nacional do pentatlo. Vamos a isso, Lucinda?

A propósito, que é feito dos excelentes lançadores de dardo (que os tivemos) da escola «Beira-Mar»?

IV Olimpíadas dos Bancários de Aveiro

Concluiram-se já mais duas provas das IV Olimpíadas dos Bancários de Aveiro, apurando-se os seguintes desfechos:

TÉNIS DE MESA

1.º — Mário Antunes (Banco Nacional Ultramarino), medalha de ouro. 2.º — António Cerqueira (Banco Português do Atlântico), medalha de prata. 3.º — Leite Ferreira (Banco de Angola), medalha de bronze. 4.º — António Santos (Banco de Portugal).

NATAÇÃO

Finais — 50 metros-costas —
1.º — Francisco Manuel Rebo-

Continua na pág. 5

ANDEBOL DE SETE

CAMPEONATO NACIONAL

I DIVISÃO — Fase Final

Resultados da 3.ª jornada

Porto - Sporting	20-20
S. BERNARDO - Belenenses	17-22

Classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bol.	P.
Sporting	3	2	1	0	66-51	8
Belenenses	3	2	0	1	72-58	7
S. BERNARDO	3	1	0	2	47-62	5
Porto	3	0	1	2	55-69	4

Próxima jornada — Belenenses - - Sporting (esta noite) e Porto - S. BERNARDO (sábado, à noite).

S. BERNARDO, 17
BELENENSES, 22

Jogo no Pavilhão Gimnodesportivo, sob arbitragem dos srs. Fernando Rodrigues e Fernando Silva, da Comissão Distrital de Lisboa.

Alinharam e marcaram:

S. BERNARDO — Chinca, Élio (2), Heber (6), António Carlos, David, Ulisses (3), Helder (6), Combo, Branco, Matos, Vieira e Ricardo.

BELENENSES — José António, José Manuel (4), Ferreira (1), Jorge (6), Espadinha (2), Nuno Montenegro (6), Hernâni (2), Bernardino (1), Manuel Sousa, Armando, Ricardo e Carrasco.

Marcha do resultado — 0-1, 0-2, 1-2, 2-2, 3-2, 3-3, 4-3, 4-4, 4-5, 4-6, 4-7, 4-8, 4-9, 4-10, 5-10, 5-11 (intervalo), 5-12, 5-13, 6-13, 6-14, 7-14, 7-15, 8-15, 8-16, 8-17, 9-18, 10-18, 11-18, 11-19, 12-19, 12-20, 13-20, 14-20, 14-21, 15-21, 16-21, 17-21 e 17-22.

Ante autêntica constelação azul (a turma do Belenenses, acompanhada por animadora falange de apoio, está recheada de internacionais), a boa-estrela do S. Bernardo teve, naturalmente, menor fulgor; e, sem haver

Continua na pág. 5

Torneio Cinquentenário

No seu prosseguimento, no passado fim-de-semana, com jogos no Porto, a prova em epígrafe proporcionou os seguintes resultados:

3.ª jornada

SANGALHOS - Ac.º Coimbra	88-90
Ginásio - Porto	61-64

4.ª jornada

Ginásio - SANGALHOS	84-89
Porto - Ac.º Coimbra	65-80

Classificação actual:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Ac.º Coimbra	4	4	0	338-314	8
SANGALHOS	4	3	1	353-319	7
Porto	4	1	3	267-317	5
Ginásio	4	0	4	308-321	4

A prova finalizará na Figueira da Foz, com os seguintes encontros: **Sábado (a partir das 20.30 horas) —** SANGALHOS - Porto e Académico de Coimbra - Ginásio Figueirense. **Domingo (a partir das 20.30 horas) —**

Continua na pág. 5

DISTO E DAQUILO... AO ACASO

NA NATAÇÃO, HÁ COISAS QUE NÃO ESTÃO CERTAS

NOTAS DO DR. LÚCIO LEMOS

No último número do «Litoral» dizia-se que, «na Natação, o Sporting Clube de Aveiro, em colaboração com a Direcção-Geral dos Desportos, vai iniciar uma experiência na aprendizagem da modalidade, pondo em funcionamento na piscina cursos para crianças dos 3/4 anos e dos 5/6 anos, orientados pela Prof.ª D. Maria Isabel Pintassilgo».

Face a esta notícia — uma boa nova que é digna de aplausos — dirigi-me ao marido da Prof.ª D. Maria Isabel Pintassilgo e responsável pela prática da natação a nível da D.G.D. (Delegação de Aveiro), solicitando-lhe informações quanto à inscrição das crianças interessadas, no grupo das quais está um dos meus filhos, de 4 anos.

O marido da Prof.ª D. Maria Isabel Pintassilgo informou-me que as inscrições poderiam ser feitas ou através do Sporting Clube de Aveiro (mas a pagar) ou por intermédio do Galitos (neste caso, gratuitamente).

Embora compreendendo as razões porque no Sporting aveirense as inscrições têm de ser pagas, enquanto que, através do Galitos, as inscrições são gratuitas (no Sporting os treinadores, desde há muito, recebem uma remuneração pela sua actividade, situação que suponho, não se verifica

Continua na pág. 5

XADREZ DE NOTÍCIAS

A jornada inaugural do Campeonato Nacional de Juniores, em andebol de sete, na Zona B, foi marcada para Coimbra, no passado fim-de-semana, concluindo com vitórias do BEIRA-MAR (por falta de comparência do C.A. Figueirense, campeão de Coimbra) e do Pedrulhense (21-16) sobre o S. BERNARDO.

A segunda jornada está marcada para a tarde de amanhã, sábado, em Aveiro, e engloba os jogos S. BERNARDO — C.A. Figueirense (16 horas) e BEIRA-MAR - Pedrulhense.

Depois do encerramento de um Curso de Juízes de Basquetebol, na Zona Norte do Distrito (o fecho verificou-se em S. João da Madeira, na passada sexta-feira, com palestra proferida pelo Dr. Lúcio Lemos), teve início, na terça-feira, nesta cidade, outro curso promovido pela Comissão Distrital de Juízes de Basquetebol de Aveiro, destinado a candidatos de Aveiro-cidade e da Zona Sul do Distrito, em que se registam cerca de duas dezenas de inscritos.

Continua na pág. 5

AVEIRO *nos* NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 28.ª jornada

ZONA NORTE

Riopele - Vila Real	3-0
Tirsense - ESPINHO	1-1
Régua - Famalicão	3-2
Paredes - Paços Ferreira	2-2
Fafe - LUSITÂNIA	0-0
Vilanovense - Penafiel	2-3
Chaves - Salgueiros	2-1
LAMAS - Gil Vicente	2-1

ZONA CENTRO

U. Leiria - Caldas	4-1
Covilhã - Ac.º Viseu	1-1
U. Santarém - Portalegrense	2-3
Peniche - Marinhense	0-0
U. Coimbra - ALBA	2-1
Est.º Portalegre - Torriense	4-0
U. Tomar - SANJOANENSE	2-0
FEIRENSE - Torres Novas	5-1

Classificações:

ZONA NORTE — Riopele, 40 pontos. ESPINHO, 38. Paços Ferreira, 37. Fafe, 33. UNIÃO DE LAMAS, 32. Chaves, Gil Vicente e Famalicão, 28. Régua e LUSITÂNIA DE LOUROSA, 27. Paredes e Vila Real, 25. Penafiel e Salgueiros, 24. Tirsense, 17. Vilanovense, 13.

Continua na pág. 5

PORTE PAGO